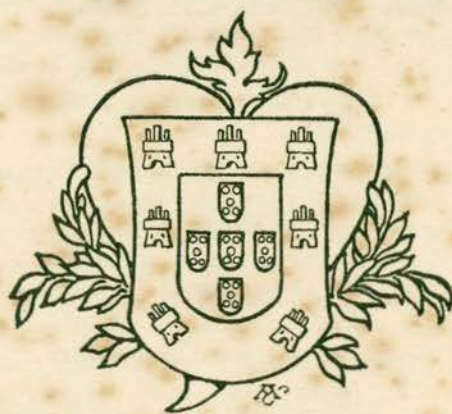


TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA
Na Oficina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.
MCM XVI

SUMARIO

N.º 5 — JUNHO DE 1916

	Pag.
As Cascatas — <i>Severo Portella</i>	129
Livros de receita e despeza das freiras de Beja: Convento da Esperança — <i>Affonso de Dornelas</i>	131
Medicina Popular: Quebradura (Continuação) — <i>Dr. Claudio Basto</i>	138
Arte popular alentejana: Os saleiros «bordados» — <i>Vergilio Correia</i>	144
As tapeçarias do Paço da Ribeira — <i>Mattos Sequeira</i>	145
O San Tiago em Leomil (Beira Alta) — <i>Seves d'Oliveira</i>	152
Notas: 1. ^a) Papeis recortados ornamentaes — <i>V. C.</i>	151
2. ^a) Os «cóchos» alentejanos — <i>V. C.</i>	156
3. ^a) Um calix e uma tabaqueira de Evoramonte — <i>A. M. do C.</i>	157
4. ^a) Pinturas rupestres da Sr. ^a da Esperança (Arronches) — <i>V. C.</i> ...	158
Cronica: Visitas de Estudo, Arte na Escola, «Grupo de Estudos Etnograficos», Livros.....	159

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondência deve ser dirigida para a Redação, R. Rodrigo da Fonseca, J. P., Lisboa.

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL.....	1\$20	ESTRANGEIRO.....	7 frs.
AFRICA E INDIA.....	1\$40	BRAZIL.....	7\$00

Numero avulso \$20

Na Administração d'esta *Revista* aceitam-se anuncios de *Livrarias, Casas que negociem em antiguidades, etc.*

Dentro em breve iniciar-se-ha uma secção destinada a facilitar transações de objectos *artisticos e arqueologicos*, entre os leitores da *Terra Portuguesa*.

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO:
VERGILIO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO:
D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO:
ALBERTO SOUZA

ANNO 1.^o—N.^o 5

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Rodrigo da Fonseca, J. P.—Lisboa
Comp. e imp. na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24—Lisboa

JUNHO DE 1916

NOTULAS DE ETNOGRAFIA PORTUENSE

AS CASCATAS



OMEÇANDO Junho, o mês dos cravos frescos e das hervas bentas, surgem nas ruas vetustas do burgo portuense as cascatas, criação típica sob o aspecto que alí revestem.

Sant'Antonio, o Thaumaturgo, S. João, o Precursor, S. Pedro, o Claviculario, eis a fiada de santos aos quaes muito quer a crença ingenita das populações do norte. Um a um, no decurso do mês, todos eles são venerados em presepios volantes, a que a habilidade do garotio primeiro, e a de artistas *ad hoc* depois, dão desenvoltura merecedora de registo.

A cascata deveria fincar ancestraes no presepio que, entre outros, Machado de Castro se não desdenhou subscrever, numa hora risonha de inspiração. O aspecto é de capelinha solitaria, erguida num recanto de rua angulosa, quando muito um metro de altura, e de revestimento ostentando ramos de carvalho, esgalhados na azinhaga mais proxima. Lá dentro, porém, a fantasia do artista dá-se largas, correndo parelhas com os recursos decorativos ao alcance da sua mão infantil. Sobre um altar, em regra soerguido com torrões de musgo lustroso e verdoengo, ladeado de duas velas em castiçaes de barro, troneia o santo, igualmente de barro, mas colorido, como pretexto obrigatorio.

Depois. . . Mas é neste particular, precisamente, que se torna arduo devéras narrar os pormenores que constituem a cascata tripeira, no mês dos três santos bem-amados das almas humildes. As mãos de creança que a todo aquele conjuncto dão tocante harmonia têm o que quer que seja de magico encanto, que nos surprehende. Ele é um rio figurado em placas de espelho, ou mesmo em agoa correndo em tubos de folha, patos de porcelana boiando, carros de bois transportando barris que o lavrador á souga encaminha, pares bailando em ar

AS CASCATAS

alegre de romaria, procissões com andores, seguidas de bandas marciaes, rebanhos de gado pascendo na hervita fina e mole, tudo a cascata comporta nos seus toscos refegos, em que a inventiva baralha o sagrado com o profano, servindo-se de motivos em que é licito visio-nar a ternura emotiva peculiar da região. Dos três santos do mês de Junho o mais celebrado em cascatas é S. João, o que, dado o acêrvo liturgico que o nimba, á maravilha se propor-ciona para que a imaginação não encontre peias e se guie apenas pela veia artistica que do caso se ocupa.

Mas, a par tal manifestação de arte popular regional (que o é caracterisadamente), outra emerge, mais profunda, em ponto grande, detalhadissima na sucessão empolgante de pormenores tipicos. São as cascatas de espavento, altaneiras, *in loco* armadas, ou arru-madas em casa do auctor. Estas são, então, o pretexto sisudo para creações laboriosas, o presepio obedecendo a perspectivas, nobres efeitos de luz, quedas de agua, repuchos, figu-ras que deambulam, trucs de scenario, e em tudo isto intervindo a mecanica, o que dá sempre uma forte apparencia de vida, por modos que a gente pára e remira, interessada não só em gabar a facundia do artista, mas conjecturar o tempo por elle dispendido em fabrica de tamanha monta. Ha especialistas fervorosos do genero, que confeccionam com paciencia beneditina desde as figurinhas de sabugo, ou de barro cozido, até á engrenagem sibilina que tudo aquilo acciona, lavradeiras que dançam o vira, sinos que tangem, ovelhas que saltarellham, rios que derivam, cães que bulham, procissões que desfilam... Em rigor, ha luzinhas disseminadas na difusão alcantilada das colinas, deixando que um lusco-fusco adrede saliente pormenores capitaes, S. João baptisando Cristo num Jordão de duas pole-gadas de caudal, o Deserto, onde camelos choutam á testada de caravanas de gesso, os Três Reis Magos, de longada para Bethlem, guiados por um aranhão de filigrana, a cida-dela de Jerusalem, de cartão pardo e iluminada a gambiarras de tigelinhas de cebo.

Cascatas de tomo confiadas á mestria duma selecta pleiade de ingenuos presepistas, elas vincam bizarramente na cidade do Porto uma modalidade etnografica que me é agra-davel ter de referir. Ampliam, até ao pavor obsidiante da minuncia, a cascata do rapazío, por forma que se torna impossivel apreghender, ao primeiro relance de olhos, o que nelas figura em decoração pormenorizada. A' vista, porém, e subindo na medida que vamos encon-trando planos, entra de verificar-se uma desconexão de scenas onde o thema religioso se amalgama no thema profano, mas que, ao resto, nos dá a feição da terra, exuberante de côr, sob esse mês de hervas bentas propulsando, de cravos frescos florindo, emquanto os ranchos descantam:

Fui ao S. João á Lapa,
Da Lapa fui ao Bomfim :
Encontrei tudo embandeirado
Com bandeiras de setim !
Ai, ai, orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras!
Viva o rancho das raparigas solteiras!

Cascatas, cascatas nas noites consagradas a santos bem-amados, com a sua verdura que exhala, renques de balões luzindo no delineamento da portada, ha em vós, graciosa, uma arte perante a qual nos sentimos enlevados...

SEVERO PORTELA.

PORTADAS DE LIVROS DA RECEITA E DESPESA DE FREIRAS DE BEJA

CONVENTO DA ESPERANÇA



cidade de Beja, capital de um districto na provincia do Alentejo, fica situada em planalto donde se domina vasto panorama e chega a descobrir o castelo de Palmela. Fundada pelos celtas, segundo a tradição, quatrocentos annos antes de Christo, pertenceu aos cartajinezes e, depois, foi importantissima colonia romana, sendo séde duma das quatro chancellarias em que o imperador Augusto dividiu a Lusitania, vinte e quatro annos antes de Christo.

Foi Beja séde duma das três comarcas creadas por Tito, no anno 75, já da éra christã, sendo sempre, nesses tempos remotos, uma praça importantissima.

Destruído o Imperio Romano, pertenceu Beja aos suevos e depois aos godos, época em que teve o seu primeiro bispo, Santo Aprigio, morto em 530.

Passa Beja, no seculo VIII, para o poder dos muçulmanos, até que, no seculo XII, em 1155, D. Affonso Henriques a include no seu dominio, tendo pertencido por vezes aos mouros e ainda, sucessivamente, após muitas vicissitudes, aos Reis de Leão, das Asturias, de Oviedo e de Castella.

Ainda os mouros tornaram a conquistá-la a D. Affonso Henriques, até que, em 29 de Novembro de 1162, Fernão Gonçalves a tornou definitivamente portuguesa.

O primeiro fóral de Beja foi dado por D. Affonso III, em Leiria, a 16 de Fevereiro de 1254, e confirmado por D. Diniz, em 29 de Maio de 1291.

Teve Beja quarenta torres nas suas muralhas romanas, que tinham 7 portas, com os nomes de: Evora, Aviz, Moura, Mertola, Aljustrel, Nossa Senhora dos Prazeres e a Nova ou de S. Sisenando. Este santo nasceu em Beja, onde foi bispo e de que é padroeiro, sendo martirisado em Cordova, a 6 de julho de 851.

Os fidalgos de Beja, quando se casavam, sahiam á frente dum enorme cortejo, composto dos alcaides das aldeias, alcaides-móres, alvasis e numerosa creadagem, percorrendo campos e montes, cobrando o imposto a que tinham di-



PORTADA N.º 1 — 1716

PORTADAS DE LIVROS DE FREIRAS DE BEJA

reito, do melhor que os lavradores possuíam, nas capoeiras, nos montados e nos apriscos.

O rei D. Diniz acabou com este curioso imposto.

Em 1310, construiu este rei em Beja uns paços e um castelo, de que foram alcaides môres os Marquezes de Minas.

D. Affonso IV, a 15 de Abril de 1335, confirmou a Beja um foral concedido por D. Diniz, na Guarda, a 22 de Abril de 1308.

D. Affonso V elevou Beja a ducado, sendo o primeiro duque seu irmão, o infante D. Fernando, 11.º governador e capitão general de Ceuta, em 1456.

O rei D. Manuel elevou Beja á categoria de cidade, em 1512.

Tinha Beja tres conventos de freiras e tres de frades. Destes ultimos, o mais antigo, que pertencia á ordem de S. Francisco, foi fundado, em 1324, pela rainha Santa Izabel. O segundo, que era de carmelitas calçados, foi fundado por Ruy Lopes Godins, camareiro-mór e veador de D. João III (1526). O terceiro, de frades capuchos de Santo



PORTADA N.º 2 — 1725



PORTADA N.º 3 — 1743

Antonio, foi edificado em 1609, simplesmente com esmolos do povo. É dos tres conventos de freiras de Beja, que possuo mais interessantes recordações:

Ha annos, adquiri, na inexgotavel «Feira da Ladra», uma porção de velhas pastas, cheias de gravuras e desenhos originaes, que vieram augmentar e enormemente enriquecer as minhas collecções.

Nas gravuras, contam-se folhas de livros, portadas, gravuras isoladas de variadissimas épocas e auctores, algumas muito deterioradas pela traça, outras pela acção do tempo e bastantes em bom estado.

Os desenhos originaes consistem em portadas illuminadas, de livros de contas dos conventos de freiras de Beja.

Algumas dessas portadas são desenhadas com extrema ingenuidade, outras denotam já uma certa arte e outras, ainda, são feitas por mão de verdadeiro mestre ou mestra.

Estes originaes, quando os adquiri, estavam dentro da mesma pasta de papelão e divididos uns

PORTADAS DE LIVROS DE FREIRAS DE BEJA

dos outros por meio de capilhas de papel, tendo escripta pelo lado de fóra a designação do convento a que pertenciam.

Convento de Nossa Senhora da Esperança — Começo por me referir ás portadas dos livros de contas deste convento, por entre ellas existirem as mais antigas de toda a collecção.

Este convento era de freiras carmelitas calçadas, sendo o primeiro destinado a freiras que esta ordem teve em Portugal.

O terreno em que foi construido foi cedido por uma senhora, de nome D. Collaça, em 1541, sendo dado começo á sua construcção em 1542.

Recebia este convento, além de muitos outros rendimentos, cem moios de trigo.

Governava D. Sancho II, quando esta ordem, uma das quatro mendicantes, entrou em Portugal. O primeiro convento de frades foi fundado em Moura, no Alemtejo, em 1250, e um dos mais notaveis foi o fundado por D. Nuno Alvares Pereira, em 1389, em Lisboa, de que hoje ainda existem ruínas, onde está installada a Associação dos Archeologos Portugueses.

PORTADA N.º 1 — É a mais antiga. Mede $0,15 \times 0,21$, sendo desenhada simplesmente a tinta de escrever.

Ao centro, sobre o brazão da ordem, tem o seguinte titulo, que passo a escrever em portugûes actual: «Livro-da despesa e receita-da cevada do tempo da Muito-Reverenda Madre Escolastica Rafaela-de S. Bento, Priorisa do Convento da-Esperança de Beja, eleita pelo-Muito Reverendo Padre Provincial Dr. Fr. André-de Cerqueira, em vinte e trez de-Janeiro de mil setecentos-e desesseis annos, sendo sua Es-crivã, A Reverenda Madre Joanna de Jesus Maria». (Os «traços de união» separam as linhas dos titulos).

PORTADA N.º 2. — Esta portada é a que está mais deteriorada. Méde $0,195 \times 0,290$ e é a mais ingenuamente desenhada de todas.

Tem ao centro, por debaixo do brazão da ordem, o seguinte titulo, que escrevo em portugûes actual: Livro-da despesa e recibo do trienio da Muito Reverenda-Madre Rosa de Jesus Maria-eleita Priorisa pelo Reverendissimo Padre Mestre Principal-Fr. Estevão de Santo Ange-lo, sendo sua escrivã-a Madre D. Antonia-Josefa da Transfiguração, na era de mil sete-centos e vinte-cinco.

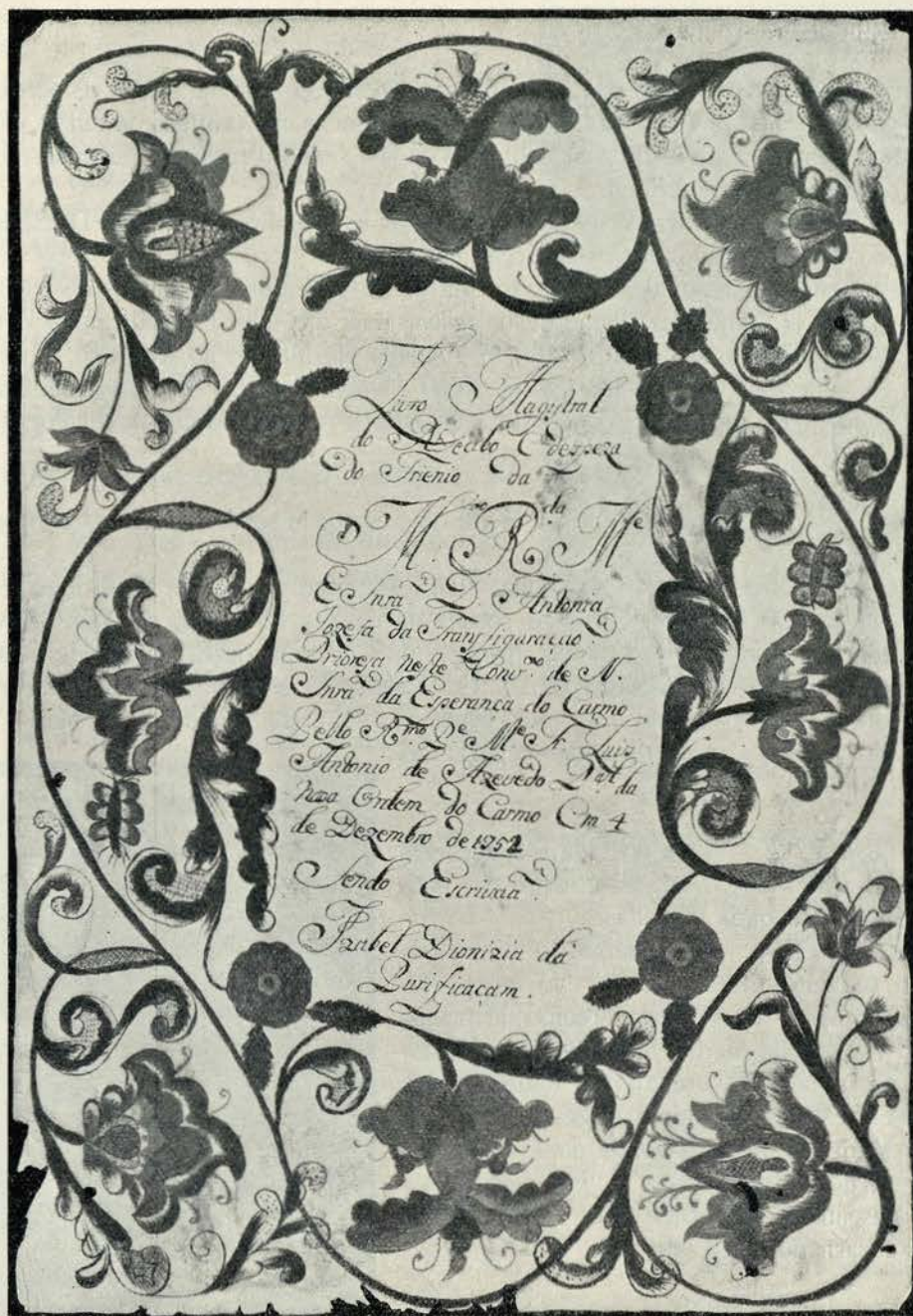
E' desenhada a varias côres, como vêrde, amarelo, encarnado, ouro, etc.

PORTADA N.º 3. — Com uma certa pretensão de iluminura, méde esta portada $0,145 \times 0,200$. Vê-se que foi desenhada á pena e, depois, colorida. O seu letreiro, em portugûes actual, é: Li-



PORTADA N.º 4 — 1752

PORTADAS DE LIVROS DE FREIRAS DE BEJA



PORTADA N.º 5 — 1752

PORTADAS DE LIVROS DE FREIRAS DE BEJA

vro-da despesa e reci-bo da cevada do tempo da Muito Reverenda Senhora D.-Marianna Jacintha de-S. Thomás, Priorosa-do convento da Esperança-da cidade de Beja,-eleita pelo Muito Reverendo Padre-Mestre Fr. Jorge de Carvalho em 3 de Maio-de 1743 sendo escrivã-a Muito Reverenda Senhora D.-Luisa Margarida de Brito Figueiredo.

Apesar de ter 173 annos, esta portada está perfeitamente conservada.

PORTADA N.º 4. — Bem conservada e com o colorido perfeitamente vivo, mede esta portada 0,150 × 0,205. Foi iluminada depois de contornada á pena.

O letreiro, em portuguez vulgar, diz: Livro-das despesas e reci-bos da cevada do tempo da-Muito Reverenda Senhora D. Antonia Josefa da Transfiguração, Pri-oresa do Convento da Esperança da Cidade de Beja elei-ta pelo Muito Reverendo Padre Mestre-Fr. Luiz Antonio de Aze-vedo em 4 de dezembro de-1752, sendo escrivã-a Muito Reverenda Senhora-Izabel Dionisia da-Purificação.

Em 1725, era esta Priorosa, D. Antonia Josefa da Transfiguração, escrivã do convento, conforme se vê na portada n.º 2.

PORTADA N.º 5. — Levemente deteriorada pela traça e por ser o papel muito fino, foi evidentemente inspirada nas conhecidas colchas de linho d'aquella epocha assim bordadas.

Mede 0,200 × 0,290 e o letreiro, de letra igual á da portada anterior, em portuguez vulgar, diz: Livro magistral-do recibo e despesa-do trienio da-Muito Reverenda Madre-e Senhora D. Antonia-Josefa da Transfiguração-Priorosa neste convento de N. Senhora da Esperança do Carmo-pelo Reverendissimo Padre Mestre Fr. Luiz-Antonio de Azevedo Principal da-nossa ordem do Carmo em 4-de Dezembro de 1752-sendo escrivã-Izabel Dionisia da-Purificação.

Tanto esta portada como a anterior pertencem ao mesmo trienio, sendo a n.º 4 destinada ao livro da cevada e esta destinada ao livro de toda a despesa e receita do convento.

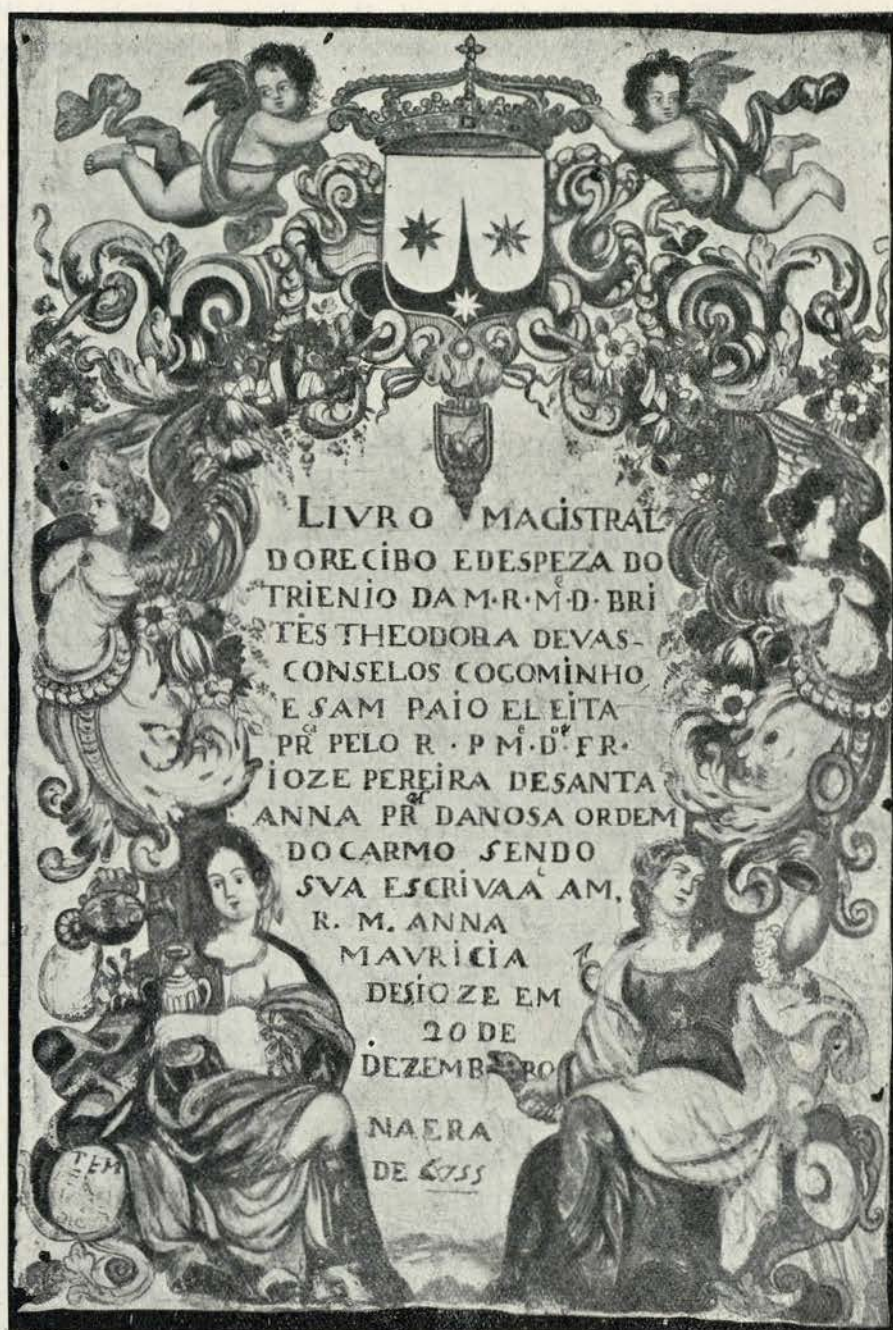
PORTADA N.º 6. — Em pergaminho, medindo 0,200 × 0,295, é esta a mais rica portada que possuo e que tivesse pertencido ao Convento da Esperança.

Servindo-lhe de base as figuras da Temperança e da Luxuria, é encimada pelo brazão da ordem dos Carmelitas, tendo uma corôa segura por dois anjos.

Dum bello colorido e concepção artistica, tem o seguinte letreiro: Livro magistral-do recibo e despesa do-trienio da Muito Reverenda Madre D. Bri-tes Theodora de Vas-concellos Cogominho, e Sampaio, eleita-Priorosa pelo Reverendo Padre Mestre Dr. Fr.-José Pereira de Santa-Anna, Principal da nossa ordem-do Carmo, sendo sua escrivã a Muito-Reverenda Madre Anna-Mauricia de S. José em-20 de dezembro-na era-de 1755.

Entre este letreiro e o escudo da ordem, tem um pequeno brazão talvez com uma aguia, sustendo uma pena no bico. Será um dos quarteis do escudo dos Sampaio?

PORTADA N.º 7. — Consiste esta portada numa bela gravura, que mede 0,180 × 0,275 tendo ao centro, n'um espaço reservado a desenhos ou disticos, o seguinte letreiro: Livro-magistral-do recibo e despesa-do trienio da Muito Religiosa-Senhora Izabel Margarida Caetana-de S. José, 2.^a vez eleita Priorosa-pelo Reverendissimo Padre Mestre Provincial-o sr. Fr. Miguel de Azevedo-sendo sua escrivã-Geatrudes Maria Magdalena-de S. José-aos 27 de Novembro-de-1789. E' a unica portada que tem a cercadura gravada.



LIVRO MAGISTRAL
DO RECIBO E DESPEZA DO
TRIENIO DA M. R. M. D. BR
TÉS THEODORA DEVAS-
CONSELOS COGOMINHO
E SAM PAIO EL EITA
PR PELO R. P. M. D. FR.
IOZE PEREIRA DE SANTA
ANNA PR DANOSA ORDEM
DO CARMO SENDO
SVA ESCRIVAA AM.
R. M. ANNA
MAURICIA
DESIOZE EM
20 DE
DEZEMBRO
NA ERA
DE 6755

PORTADAS DE LIVROS DE FREIRAS DE BEJA



PORTADA N.º 7 — 1789

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

Esta collecção de sete portadas indica-nos claramente a marcha do gosto artistico dentro seculo XVIII.

Começando por ingenuos ornatos á pena, passa á illuminura até á sua perfeição, como se vê na portada n.º 6, terminando numa gravura, como remate de civilisação.

AFFONSO DE DORNELLAS.



MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

(Continuação de pag. 125)

Feito isto, une o piedoso crente as duas partes da haste, ligando-a muito bem com um cordão ou correia, e retira-se, pedindo ao Santo Precursor que tome sob seus auspicios o resultado da cura. Os outros doentes vão tambem repetindo a pia cerimonia em outros pinhões, visto que os que já serviram para o curativo de um, não servem mais para o curativo de outros. Recita o curandeiro algumas orações secretas durante o acto e é de fé, entre aquella boa gente, que influe maravilhosamente no bom ou máu resultado da cura a sorte futura do arbusto. Se, depois de certo prazo, as partes divididas se reúnem e o arbusto continua a desenvolver-se, está o doente curado; se, pelo contrario, definha e morre, mal do doente, pois será a cura impossivel.

Note-se que, em razão de ser o pinhão bravo um arbusto oleaginoso e dotado de um succo lacteo que naturalmente contribue para a conglutinação das partes divididas, é claro que sobreviverá sempre á operação, assegurando aos doentes o seu completo restabelecimento; infelizmente, porém, acontece o contrario: os pinhões sárão e ostentão com vigor a sua antiga vegetação, em quanto os doentes continuão a padecer e acabão quasi sempre por morrer quebrados. P.^o L. D. Rodrigues de Carvalho (Brasileiro, Russas; Ceará).»—

23. — «*Pasar al niño por la mimbre.* Para curar un niño de la quebradura se pasa por una mimbre abierta la noche de S. Juan al punto de las doce. Para llevar á cabo este acto se elige una mimbre que esté cerca de un charco de agua; por la mañana se abre el centro de la mimbre y por la noche á cada lado del charco se ponen un hombre que se llame Juan y una mujer que se llame Maria y que hayan nacido los dos en un día de S. Juan; coge la mujer el niño encueros y dormido y al dar las doce dice al hombre:

— Toma allá Juan.
— ¿Qué me das Maria?
— Um niño quebrado.

— San Juan y la Virgen
lo pongán sano.

Isto lo repiten tres veces y á la tercera dejan caer en el charco al niño que, á la impresion brusca que le producen el agua y la caída, rompe á llorar. Depues atan la mimbre y si une la parte abierta es señal de que el niño sanará.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

Es creencia del pueblo que lo que hace curar al niño es el susto (1) que la criatura experimenta con el bautizo improvisado.» (2).

24. — É interessante a seguinte tradiçãõ, posta em verso pelo poeta galego Manuel Curros Enríquez e que não é aqui descabida :

TANGARAÑOS

San Benito de Coba de Lobo
ten no cume um penedo furado
de tan rara virtude ortopédeca
que é o asombro do mundo cristiano.

— Ten conta, santiño,
do meu tangaraño ;
doente ch'o deixo
devólveme sano.

Cando nace um miniño tolleito
seus parentes oféreceno ó santo,
e mitido n-un queipo de vimio
alá o levan, a festa en chegando.

Y-ésto dito tres veces á reo
sin refolgo tomar nin descanso,
o coitado do entangarañado
queda xa desentangarañado. (3)

Y-aos dous lados da boca da pena
que lle colle d'un lado á outro lado,
din a nay y a madriña do renco
pol a gorxa de pedra pasándo-o:

.....
.....

25. — *In* SCHWEIZER VOLKSKUNDE (4), lê-se: «*Pour guérir une hernie. Quand un enfant avait une hernie, le père allait le jour avant vendredi-saint fendre un petit chêne. Le matin il y portait son enfant, le passait 3 fois dans la fente du chêne, ensuite il attachait le chêne; s'il se recollait, l'enfant guérissait; s'il ne se recollait pas, il n'y avait point de guérison. Il ne fallait rien dire à personne ni en allant ni en revenant. (Combremont, Vaud, M.^{me} J.-Gilliand, sage-femme).*» —

26. — De maneira idêntica se faz na França, como noutros países ainda. — Vid. Paulo Sébillot, *LE FOLK-LORE DE FRANCE*, III, pág. 417 (5); e Henrique Gaidoz, *UN VIEUX RITE MÉDICAL*, pág. 14 e segg. (6), — além de outras obras. O P.^o Thiers refere, entre diversas superstições, a da passagem da criança rendida, três vezes, pela abertura de um carvalho fendido, — sendo passada pelo pai e mãe (7).

Esta prática supersticiosa é, como também nota H. Gaidoz, a sobrevivência de uma velhíssima medicina, — como sucede com outras superstições populares. Eis uma receita de

(1) O susto é, de facto, um meio terapêutico popular. Vid. a minha obra *Alma doente*, Viana-do-Castelo, 1912, pag. 66. Mas, no caso presente, ha tambem a considerar a acção benéfica da agua.

(2) *El Folk-lore frexnense y bético-extremeño*, 1883-1884, pag. 136-137.

(3) *In Literatura Gallega*, de Eugénio Carré Aldao, 2.^a edição, Barcelona, 1911, pag. 357.

(4) II, pag. 79.

(5) Paris, 1906. Vid. também P. Sébillot, *Le Folk-Lore — Littérature orale et Ethnographie traditionnelle*. Paris, 1913, pag. 230.

(6) Paris, 1892.

(7) Vid. Gaidoz, *loc. cit.*, pag. 15.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

Marcello, o Empírico, dos séculos IV-V, para a cura das hérnias nas crianças: «Si puero tenero ramex descenderit, cerasum novellam radicibus suis stantem mediam findito, ita ut per plagam puer trajici possit, ac rursus arbusculam conjunge, et fimo bubulo aliisque fomentis obline, quo facilius in se quæ scissa sunt coeant. Quanto autem celerius arbuscula coaluerit, et cicatricem duxerit, tanto citius ramex pueri sanabitur» (1).

Desnecessário é registar mais exemplos, — como é desnecessário frisar a multiplicidade de aplicações terapêuticas que tem a passagem por fendas em plantas. Sómente especializarei ainda a tradição seguinte: «Aus dem Magdeburgischen vernahm ich. . . : wenn zwei brüder, am besten zwilling, einen kirschbaum in der mitte spalten und das kranke kind hindurchziehen, dann den baum wieder zubinden, so heilt das kind wie der baum heilt.» (2).

O que fica apontado é suficiente para se ajuizar da generalidade do rito de que se trata, o qual, sob vários aspectos (3), que se resumem essencialmente na aplicação de cavidades (as fendas são um aperfeiçoamento (para a transplantação de doenças, «est répandu. . . peut-être pourrions nous dire sur le globe tout entier, si les enquêtes sur les croyances et les pratiques religieuses des hommes avaient été partout poussées aussi loin que pour les peuples européens» (4). . . «les sauvages connaissent (ou moins en Afrique) [êste rito]» (5). . .

Na *passagem pelo vime* (carvalho etc.) para a cura da hérnia, e de que expus várias versões, há a considerar, fundamentalmente, a *pureza* dos principais figurantes, os *nomes Maria e João*, o *número «três»*, a *passagem* pela planta e sua *ligadura*, e o *paralelismo* dos destinos da planta e do doente. Isto se, perante as variantes narradas, criarmos uma cerimónia-tipo, da qual se derivariam as outras modalidades cerimoniais.

A pureza das raparigas está em elas serem virgens, com o nome de *Maria*, o nome da Virgem Pura, e, além disso, pequenas, «sem ainda serem *mulheres*». A menstruação é tida como impureza. Diz a BIBLIA (6): «19 A mulher, que padece o fluxo mensal do seu sangue, estará separada sete dias. [Nota: «Separada do consorcio das outras pessoas, e ainda do seu marido, e principalmente dos lugares e cousas santas. — Pereira».] — 20 Todo o que a tocar, está immundo até á tarde: — 21 e todas as cousas, sobre que dormir, ou se assentar, nos dias da sua separação, serão pollutas. . . 25 A mulher que padece por muitos dias o fluxo de sangue fóra do tempo do seu mensturo, ou que, passado o periodo regular, não lhe cessar o fluxo, será immunda todo o tempo que estiver sugeita a este accidente, como se estivesse no tempo do seu mensturo. — 26 Todo o estrado em que dormir, e tudo aquillo em que se assentar, será poluto. . . 28 Se o sangue parar, e deixar de correr, con-

(1) Apud Gaidoz, *loc. cit.*, pág. 14-15. A receita vem também na *Mith. des pl.*, de Gubernatis, II, pág. 57. — As duas transcrições não condizem, na forma.

(2) Jacó Grimm, *Deutsche Mythologie*, já cit., II, pág. 976.

(3) Vid., por exemplo, Jacó Grimm, *loc. cit.* — e, sobretudo, Henrique Gaidoz, *obra cit.*, pág. 14 e seguintes (onde são citadas, a propósito, várias obras).

(4) Gaidoz, *obra cit.*, em a nota prefacial.

(5) *Ibidem*.

(6) Levítico, cap. xv; — *A Biblia Sagrada*, trad. do Padre António Pereira de Figueiredo, Lisboa, 1852, 1.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

tará sete dias da sua purificação: 29 e ao dia oitavo oferecerá por si á porta do Tabernaculo do testemunho duas rolas, ou dous pombinhos ao Sacerdote: 30 o qual sacrificará hum pelo peccado, e outro em holocausto, e rogará diante do Senhor por ella, e pelo fluxo da sua immundicia. 31 Ensinareis pois aos filhos d'Israel, que se guardem da impureza, para não morrerem nas suas immundicias, tendo profanado o meu Tabernaculo, que está entre elles.» (1). Também a mulher é considerada impura durante a menstruação, entre os hindus (2) e entre os egípcios. (3) Segundo a lei de Zoroastro, «une femme est impure au moment de ses règles. Alors elle est déclarée *dashtan* et personne ne doit s'approcher d'elle. Elle prend sa nourriture à l'écart, couche dans une chambre retirée, au rez-de-chaussée de la maison. Elle ne doit toucher à aucun ustensile de ménage et n'a même pas le droit de regarder le feu, dont elle se tient à cinquante pas. Tout cela jusqu'au jour où elle ne perdra plus: alors elle rentre dans la vie ordinaire.» (4) Para os árabes também a menstruação era impureza (5). — Ainda hoje esta tradição vive entre o povo. Citarei apenas dois exemplos: «Quando uma mulher está menstruada, se subir a uma arvore, a arvore sécca.» (6) «A Venise la femme qui est dans son mois doit se garder de toucher une fleur; elle la ferait sécher. Une croyance pareille existe en Toscane;»... (7) — Até na medicina tal superstição viveu: «Digão me — pergunta Curvo Semedo — os que negão as qualidades, & virtudes occultas porque razaõ o panno da camiza, ou lençol que hua vez fosse molhado com o sangue mensal das mulheres, ainda que o lavem mil vezes, he taõ danoso para curar qualquer ferida, ou chaga, que a renova, a assanha, & póde matar ao doente, que curarem com o tal panno, ou com os fios que d'elles fizerem.» (8) — E lê-se na LUZ VERDADEYRA, E RECOPIADO EXAME DE TODA A CIRURGIA, de António Ferreira: (9) «Visto termos tratado dos chumaços, mechas, & lechinhos, & estes fazerem-se pela mor parte de pano de linho, convem saber se esse tal panno, sendo de camisas de molheres, (entende-se das fraldas, porque no restante da camisa não ha duvida) servem para se curar com elle assim nõ applicar, como para o demais: & juntamente saber se as que andam com a purgação menstrual podem ver as feridas, & assistir aos feridos.» E adiante: (10) . . . «Lanfranco nos aconselha que senão deixe chegar ao ferido molher semelhante: & Alcazer diz que só a vista de longe basta para inficionar as feridas, & como testemunha o affirma haver visto em hua ferida de hu moço, que estando muito córada, & vermelha, & quasi saã, foy bastante a vista de huma molher que andava

(1) Vid. ainda *Levitico*. cap. xii.

(2) Vid. *Manu*, v, 85-61 e ainda iv, 40-41 — citado por Paulo Bruzon in *La Médecine et les Religions*, Paris 1904, pag. 198.

(3) Vid. Paulo Bruzon, *La Médecine et les Religions*, Paris, 1904 p. 226.

(4) Paulo Bruzon, *loc. cit.*, pag. 235.

(5) *Ibidem*, pag. 298.

(6) *O Positivismo*, iii, p. 147, n.º 248.

(7) Gubernatis, *La Mith. des Plantes*, i, 248.

(8) João Curvo Semedo, *Polyanthea medicinal*, Lisboa 1727, 4.ª edição, pag. 539 (capítulo «dos remedios que obraõ por virtudes, & qualidades occultas, & das simpathias, & antipathias que ha entre muytas cousas»).

(9) Lisboa 1705, 4.ª impressão, pag. 457. A transcrição é da «Nova pratica e theorica de Cirurgia» com que foi aumentada a dita edição.

(10) Pág. 458.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

com a purgação, para a mudar de cor, & fazela livida: & mais abaixo nos adverte, que ainda os panos, & fios os não deixemos tocar, nem porlhe as mãos semelhantes molheres, por onde parece que se a vista he bastante para fazer tanto damno, em nenhu modo nos convem usar dos panos das fraldas de molheres.» Depois de se referir às dúvidas que alguns médicos opunham a tal modo-de-ver, António Ferreira conclui «que se os taes panos forem de molheres atrabiliarias, de mau temperamento, compleçam, & o tal sangue for retido, ou de parto, sam totalmente prohibidos, nem convem que vejaõ as feridas, por quanto destas purgações nascem todos os incôvenientes, de que os Autores fazem mençaõ. Porém se a tal molher for sanguinha, de bom temperamento, & o tal menstroo vem sempre em aquelle tempo limitado sem que se retenha, pôdem seus panos servir, pois nestas se não acha nenhum inconveniente.» (1) — Já, antes, Chamisso aludira ao dano que a presença das mulheres menstruadas causava à cura das feridas. (2)

A pureza das Marias, tam puras que ainda não sentiram a impureza das regras, alia-se a pureza dos Joões. Mas com esta o povo transige muitas vezes: nos tempos que vão correndo difficil é encontrar inocência, a referida pureza, em rapazes.

Na Rússia, há os nomes de *João* e *Maria* associados na planta *Ivan da Maria* ou *Bratki* (os irmãozinhos): a flor desta planta é metade amarela e metade roxa: uma das côres representa *João*, e a outra — *Maria*. (3)

É por a cerimónia se realizar na misteriosa noite de S. João — cristianização da festa pagã do solstício — que se escolhem os rapazes (padrinho etc.) com tal nome.

Sobre o número 3, tam do gôsto popular, não é necessário gastar palavras. Apenas, a título de curiosidade, citarei esta fórmula da medicina popular romana:

«Trois grains de sel.	Trois feuilles de rue.
Trois feuilles de laurier.	Trois tiges de bryone.
Trois feuilles de poireau.	Trois fèves blanches.
Trois gousses d'ail.	Trois chardrons.
Trois grains d'encens.	Trois setiers de vin.
Trois tiges de sabbine.	

Le tout dans un vase de bois. Prendre pendant trois jours trois fois par jour, à jeun et debout» (4).

As três Marias figuram em muitas superstições populares (5).

As três estrélas, que se chamam «Três Reis Magos», teem também o nome de três Marias (6). — «As três Marias são as ultimas vellas do candalabro do officio de trevas», diz

(1) Pág. 458-459.

(2) *De medendis corporis malis per manualem operationem*, Coimbra 1605, lib. IV, cap. XX, apud Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, Lisboa 1899, II, 22.

(3) Vid. Gubernatis, *La Mith. des plantes*, II, 175.

(4) Vid. Paulo Bruzon, *La Médecine et les religions*, Paris 1904, pág. 138.

(5) Vid.: J. Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pág. 114, nota 88; *Revista do Minho*, XVIII (1909), col. 152; etc. — e vid. *Revista Lusitana*, XVII, 59.

(6) Cfr. *Rev. Lus.* XV, 292; Soeiro de Brito, *Demosophia* (1890), Esposende 1908 (1903 na

MEDICINA POPULAR «QUEBRADURA»

Soeiro de Brito na sua *Demosophia* (1), no capítulo sobre «o povo alentejano e o n.º 3.» Af se lê ainda: «Três Marias do bé-ú. (Diz-se quando se vêem três mulheres juntas». É frequente em o norte chamarem «três Marias» a três mulheres reunidas.

É muito curioso o facto de, nalgumas terras, as três Marias fiarem com três fusos mas numa roca só. Ainda faz lembrar as *três varas* com *três raizes* e *um só tronco*, e cuja intervenção operava curas de doenças, além de outros milagres (2).

Na *passagem* pelo vime, carvalho etc. é que está particularmente a transplantação da doença (3), de que já falei. Por vários processos se pode fazer este transporte do agente mórbido (a distância, por contacto, fricção, cavidade. . .) (4) para vegetais, e também para animais, seres humanos, objectos, solo etc. — Mas é claro que esse transporte de doenças tanto mais eficaz parecia ao espírito simples do povo quanto mais estreita fôsse a relação provocada entre o corpo, ou parte do corpo, doente, e o ser ou coisa que ia ser contagiada. Assim, intuitivamente, melhor era que este ser ou coisa recebesse o agente maléfico, produtor da doença, no *seu seio*, dentro de si (por cavidade, furo, fenda. . .).

No caso de que se trata, a planta é, pois, rachada para que mais íntima seja a relação entre ela e o doente, ou, originariamente, entre o espírito que mora na planta e o agente mórbido; — para isso ainda o doente vai *nu* (5), e o seu corpo nu passa entre os tecidos abertos, vivos, postos também *a nu*, da planta. A «rachadela» é já um aperfeiçoamento do primitivo rito da «aplicação de uma cavidade». Mas há mais: aqui, a «fenda» reproduz, para assim dizer, a *fenda* do herniado (que está *quebrado, roto, aberto*: tem «fenda» por onde sai a hérnia), — e tanto se presuppôs tal paralelismo que a linguagem popular o está afirmando ainda: a criança *solda*, se a planta *soldar*.

(Continua.)

CLAUDIO BASTO.

capa), pág. 14; *O Positivismo*, IV, 286, n.º 656, e *Revista do Minho*, ano XVII (1908), coluna 79, onde vem a quadra:

Lá se vão as Três Marias
De noite pelo luar,

Em busca do Deus menino
Sem n'ó poderem achar.

Conheço esta variante (Ponte-do-Lima), que se canta no Ano-novo:

Partiram as três Marias,
de noite pelo luar,
à procura de Jesus
nunca o puderam achar;
foram dar com êle em Roma

revestido no altar,
com cális d'ouro na mão,
missa nova foi cantar;
ho que missa tam alegre,
que ao céu há de chegar!

(1) Pág. 12.

(2) Vid. Gubernatis, *loc. cit.*, I, s. v. *Adam (arbre d')*, pág. 11 e segg.

(3) Tomo aqui o vocábulo «doença» num sentido vago, sem rigor científico.

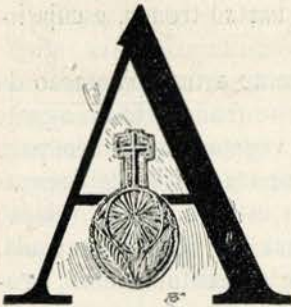
(4) Vid. Gubernatis, *loc. cit.* I, 234; II, 284. — Jacó Grimm, *Deutsche Mythologie*, II (Berlim 1877), vierte Ausgabe, pág. 975 e segg., III, 343 e segg. — Gaidoz, *Un vieux rite médical*, Paris 1892. — J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1897, I, 181, nota. — P. Saintyves, *La Guérison des verrues — De la magie médicale à la psychothérapie*, Paris 1913, cap. I e segg. — Etc.

Noutros artigos sobre medicina popular, terei ocasião de referir tradições deste género.

(5) Cf.: Gaidoz, *Un vieux rite méd.*, pág. 80.

ARTE POPULAR ALENTEJANA

OS SALEIROS «BORDADOS»



FIM de conservar, á mão, o sal de gasto e distribuição quotidiana, empregam-se em todo o nosso paiz os mais variados recipientes, de madeira, de cortiça e de barro.

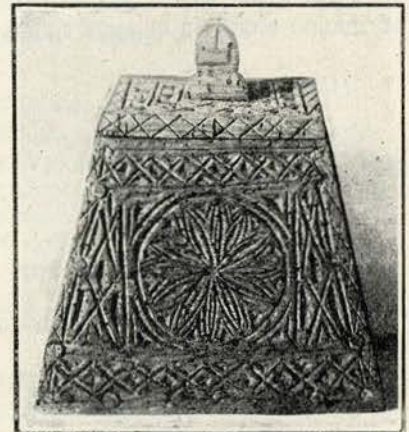
Em geral o *saleiro* é uma simples caixa retangular, cortada numa das faces ou no tópo superior em meio circulo ou circulo completo, deixando uma passagem para a mão que vae buscar o punhado de cristaes necessarios á condimentação das viandas. Essas caixas são, por vezes, ornadas de desenhos de gôsto popular, tal como as *boites á sel* provençaes, em cujas frentes se estadiam, no misterio dos seus quatro braços, suasticas tetrasceles, de remota ascendencia.

Nas regiões onde os sobreiros abundam, como na Beira-Baixa, no Alentejo e no Algarve, a cortiça é aproveitada para fazer receptaculos adequados á conservação do sal, preferidos a todos os outros pela sua longa dura.

Preparados por pastores ou *ganhões*, os *saleiros* ruraes apresentam certa variedade de feitio e de ornatos: ora teem a forma cilindrica, ora a de paralelepipedo, ora a de piramide de secção quadrada; e são vestidos de uma rêde complicada de desenhos, bastante facéis de executar pela brandura do material. Excetuando os piramidaes, todos os outros, quer os destinados a penderem fixos das paredes, quer os que divagam livremente sobre as *prateiras* e os poiaes, apresentam duma banda a abertura destinada á passagem da mão. Os *saleiros* em feitio de piramide são providos de uma tampinha ornamentada, que uma péga de madeira desloca á vontade.

A ornamentação é a usual das obras de arte rustica — rosetas, plantas, figuras geométricas, etc., sendo os *saleiros* em paralelepipedo e piramide os mais favorecidos neste particular, pelas facilidades que as suas faces planas oferecem aos *bordadores*. Assim, encontramos, nestes, rosetas sexifolias ou polifolias e molduras de ornatos enxadrezados ou floridos, e nomes dos possuidores e datas de ofertas envolvidas em silvas de variados e graciosos desenhos, pois que, frequentemente, o *saleiro* é tambem um dom ante-nupcial de *conversados*. Os de fôrma cilindrica mostram, por seu turno, faxas de ornatos de linhas quebradas, cavados, que cheios de *encarnadillo*, dão um aspeto curiosissimo aos recipientes, pelo contraste das côres.

Tal como os *tarros*, todos estes monumentosinhos são fabricados sem pregaria de ferro nem pinga de grude, simplesmente unidos por cavilhas de madeira, cujas cabeças, delicadamente talhadas em botão, constituem muitas vezes, por si só, toda a ornamentação dos exemplares mais pobres.



SALEIRO DE CORTIÇA, DE PAVIA (ALENTEJO)

VERGILIO CORREIA.



O PAÇO DA RIBEIRA, SEGUNDO UMA «AGUA TINTA» DO SÉCULO XVIII, ASSINADA «ZUZARTE»

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA



VIO-ME parar ás mãos, ha pouco tempo, um livro sôbremodo interessante.

Adquiri-o desenfastiadamente, por me parecer barato e por lhe achar certo sabôr bizarro, no titulo e no aspecto. Nem eu soube o que comprei, nem o livreiro soube o que me vendeu.

Pyramide Natalicio y Baptismal é este o nome da obra. Corridas as licenças, o prologo e a lista das obras politicas e militares do seu auctor, tudo impresso em pouco mais de duas folhas, eis, de novo, o titulo repetido e, o que é mais, acrescentado, ocupando nada menos de trinta e duas das cento e quarenta paginas de que se compõe o extravagante oitavo, impresso em Lisboa, em 1670, na officina de António Craesbeeck de Mello.

D. Diego Enriquez de Villegas, que o escreveu, abastardando o seu castelhanismo, dedicou-o á *La Soberana, Augusta, Excelsa Magestad De la Reyna D. Maria Francisca Isabel de Saboya, Princeza de Portugal*.

O restante do titulo (que por pouco não absorve o texto) disposto tipograficamente, á guisa de inscripção laudatoria, em curtas frases prolixamente adjectivadas, é um espécime, digno de estudo, da sabujisse cortezã e do estilo precioso da época, mais apontado em oiros, jaspes, aljofares e perolas do que dama seiscentista.

Na 32.^a pagina surge-nos o *Exordio*. A preocupação evidente de deslumbrar pelo colorido das expressões, pela bizzarria dos trocadilhos, pela sumptuaria dos dizeres, encanta o seu autor. Depois, a pagina 37, aparece-nos, encabeçado com o titulo *Dia y Hora del Nacimient'o*, o primeiro parágrafo, e, a pagina 66, o segundo, subordinado á epigrafe de *Pompa Baptismal*, rematando o volume com uma girandola de preciosismos literarios e de inverosimeis circumloquios.

Qual o assunto da obra de D. Diego?

O assunto é a descripção laudatoria das festas realizadas em Lisboa por ocasião do nascimento da filha primogénita de D. Pedro II e da impudica D. Maria Francisca Isabel de

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA

Saboya, e o relato da função deslumbrante do seu baptismo, na Capela Real do Paço da Ribeira, em 2 de abril de 1669. Tudo aquillo, separado da ganga inutil das literatices gongóricas, daria, quando muito, vinte paginas; mas perdoemos a Villegas a estopada das setenta folhas pelas noticias valiosas que nos dá, diluidas, como coisa minima, no *mare magnum* da sua erudição pretenciosa.

É no segundo parágrafo que se nos deparam esses informes. O primeiro descreve, depois de rememorar o casamento do principe regente, a alegria exuberante da cidade pelo nascimento da princesa, a 6 de Janeiro de 1669, os repiques, as salvas, as luminarias, os Te-Deuns e sermões, o beija-mão e as procissões. Na *Pompa Baptismal* é que se encerra a preciosidade do livro, quando, depois referir os preparos para a cerimónia religiosa, os avisos aos grandes da côrte que nela deviam figurar ou comparecer, o convite a Luís XIV de França para padrinho da princesa, a historia dos Reis de Armas, Arautos e Passavantes, D. Diego entra a descrever as salas do Paço, não só aquellas por onde havia de passar o cortejo até á Capela Real, senão as que o Embaixador de França, o abade de Saint-Romain, que representava Luís XIV na cerimónia baptismal, tinha de atravessar desde a escadaria que conduzia á *Sala dos Tudescos*, (ou dos Archeiros) até áquella onde se encontrava a camilha da princesa.

Essa descripção, em que principalmente se mencionam os panos de armar que adornavam as salas e galerias, relegando-se para plano secundario o mobiliario e outros adornos, é de um altissimo valor, porque pouco ou nada se sabia das sumptuosas decorações do Paço da Ribeira.

O padre Duarte de Sande, que escreveu as impressões da sua passagem em Lisboa, em 1584, apenas nos deixou informações mais pormenorizadas do Arsenal Real ou Armaria. Do adorno interior do palacio fala demasiado ligeiro.

Colmenar, nas *Délices d'Espagne et de Portugal*, deixa-nos entrever, ao escapar, a existencia de tapeçarias que, de verão, eram tiradas das paredes; D. Antonio Caetano de Souza, na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Frei Claudio da Conceição, no *Gabinete Historico*, e os que incidentalmente trataram do assunto, dão-nos apenas, em largas pinceladas, uma ideia geral do paço, sem se preocuparem com descripções minuciosas. O proprio autor anónimo do manuscrito, extratado por Camilo nas *Noites de Insomnia*, que era a peça mais completa que se conhecia no tocante á ornamentação interior daquela residencia, fala sómente de passagem em tapeçarias e pinturas, achando pouco todo o tempo para se extasiar perante as varandas de pedraria e as galerias de balaustres de mármore, coroadas de vasos de jaspe, enramados de murtas.

D. Diego Enriquez de Villegas, talvez sem querer (e mal julgava êle que por isso se havia de notabilizar o seu livro), viu mais e melhor.

Que isso lhe seja levado em desconto dos seus pecadilhos literarios.

Vejamos, pois, o que nos diz a *Pyramide Natalicio y Baptismal*.

Começa a descripção das salas a pagina 93.

A *primeira sala*, onde estava a cama de ébano e de marfim, marchetada de flores e de laçarias de prata filigranada, coberta de uma colgadura tecida de oiro, e onde se havia de

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA

organizar o cortejo, tinha as paredes revestidas de telas de Milão carmezins, orladas de lhama amarela, com sanefas do mesmo tecido franjadas de oiro. As sanefas dos cortinados eram de téla da mesma côr, bordada com plumagens de fio de oiro.

Desta, passava-se a uma *segunda sala*, mais pequena, que se achava adornada de colgaduras de seda, tecida de oiro, contendo a historia de Julio César. Nos espaços entre as sôbreportas e as sôbrejanelas, viam-se tapeçarias com a historia de Bersabé.

Seguia-se a *terceira sala*. Era a do *estrado* ou do *trono*. Tinha duas portas e três janelas. As paredes estavam revestidas de uma tapeçaria chamada *da China*, em razão de lá ter sido bordada, toda de seda carmezim, semeada de ramos de oiro. Cortinas do mesmo tecido adornavam as portas e janelas, sendo as sanefas bordadas a oiro relevado e franjadas do mesmo metal. O estrado assentava sobre uma alcatifa de veludo verde, coalhada de flores e de ramos de oiro, com dezoito varas de comprimento por nove de largo. O docel de téla, de três altos, frisada, branca e carmezim, e coroado pelas armas reaes bordadas em relevo a fio de oiro, era chamado *de Valladolid*, por ter sido bordado nesta cidade. Sanefas e cercadura eram de téla branca recamada de folhas, ramos e laços de oiro, e franjadas do mesmo metal. Sobre o estrado avultavam três almofadas da mesma téla, cobertas com uma toalha de chamalote carmezim, com encaixes de rendas de oiro. Um bufete grande de ébano, com embutidos de marfim, via-se a meio da sala; cobria-o um pano do mesmo tecido do docel. Todo o pavimento estava coberto de tapeçarias orientais, que igualmente atapeçavam as demais salas do percurso do cortejo.

A *quarta sala* estava armada com a *Tapeçaria dos Planetas*, a qual se compunha de cinco panos de seda, lavrados de oiro. Os cinco vãos das portas e janelas, velados de reposteiros e sanefas, eram coroados por outros panos do mesmo tecido. Ao topo da sala ficava um docel, todo de téla de prata semeada de jarras de oiro relevadas, com cercadura de brocado vermelho e sanefas adornadas de largas franjas de fio de oiro. Sôbre o docel, estava um bufete de ébano. Do lado esquerdo, via-se outro docel de tela carmezim, recamada de corôas de oiro, com cercaduras da mesma côr e sanefas franjadas. Outro bufete de ébano avultava sob os cortinados, coberto de um pano de brocado de oiro, vendo-se sôbre este movel duas salvas de bastiães (lavradas de figuras) de prata doirada e uma outra de oiro de vinte e quatro quilates, onde se engastavam diamantes rosas e outras pedras. Estas três salvas estavam veladas por um pano de cambraia que do mesmo modo cobria um saleiro lavrado de bastiães, de prata doirada. Ao lado direito da sala ficava um terceiro docel, de téla côr de rosa velha, coalhada de ramos e de folhagem de oiro. Sôbre o bufete, que aí se abrigava, estava um prato, igualmente precioso, com quatro *portugueses* de oiro.

Seguia-se depois um *corredor*, cujas paredes estavam adornadas de panos (de Arrás?) com a historia de Helena; d'aí, passava-se á *quinta sala*. Revestiam as paredes desta a tapeçaria chamada dos *Triunfos*, com sanefas e guarda-portas iguais. Passava-se dela a outra, que era a *sexta sala* que o cortejo tinha de atravessar. Esta tinha as paredes cobertas de uma tapeçaria de seda lavrada, contendo a historia de Anibal. Os panos representavam, se bem interpreto o confuso D. Diego, as seguintes scenas: 1.º Anibal fazendo voto, nas aras sagradas, de se vingar dos Romanos; 2.º A sua viagem a Espanha; 3.º A batalha dada no Rhodano, em que os Cartagineses venceram os Galos; 4.º A sua viagem á Italia e passagem pelos Alpes; 5.º Anibal, na Trábia, dando o roteiro ao consul Tito Sempronio; 6.º A batalha em que Anibal venceu o consul Flamínio, junto do lago Trasimeno.

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA

A *sétima sala*, contigua a esta, estava adornada com uma colgadura de seda e oiro, representando a historia da Rainha Artemisa, achando-se figurados nos panos os episodios guerreiros e afetivos do seu acrisolado amor conjugal, a que talvez não faltassem as scenas das solenes exequias de Mausoleu e a traça do seu tumulo magnifico.

Passava-se desta sala a outra — que era a *oitava* do percurso. Como a anterior, achava-se decorada com tapeçarias da mesma qualidade, figurando a historia de Alexandre. Um dos panos continha a scena da tomada de Thebas e o aprisionamento dos thebanos, outro a derrota de Dario e o cativoiro dos seus, e outros ainda figuravam variados episodios da vida do audaz conquistador.

Seguia-se a *nona sala*, colgada de finas tapeçarias de Arrás com a historia de Tobias, nas quais, diz D. Diego, se ensinavam as obrigações que os filhos deviam ter aos pais. Abria-se esta sala para uma *galeria*, onde avultava, cobrindo as paredes, a tapeçaria chamada do *Condestavel*. Era de seda e oiro. A mesma tapeçaria guarnecia as sôbreportas e sôbrejanelas.

Daqui descia-se por uma *escada*, igualmente adornada de veludos e damascos carmezins, com galerias do mesmo tecido franjadas de oiro, a qual ia ter a uma *saleta*, cujas paredes se achavam revestidas com uma tapeçaria contendo a historia de Joseph. Seguia-se depois outra *galeria*, decorada com panos (de Arrás?) contendo a historia de Hercules, de onde se passava directamente para a Capela Real.

D. Diego Enriquez de Villegas passa então a descrever o templo, preocupando-se quasi exclusivamente com os panos das armações e com o aparato para a função do baptismo. Sigamos, pois, o nosso *cicerone*.

A famosa Capela Real era de três naves, com transepto. O côro para os cantores ficava do lado do Evangelho, no cruzeiro, separando-o da nave central uma varanda de madeira. Do lado da Epistola estava a tribuna onde a Rainha assistia aos officios divinos e defronte aquella ondê o Principe costumava assistir. Uma teia de pau Brasil separava tambem a nave central das naves laterais, cujos tectos eram pintados a fresco e semeados de florões de oiro. O da nave principal era de brutescos de oiro, circundando varios quadros, com magnificas pinturas, e os triangulos das empenas das naves tinham tambem pinturas encaixilhadas em talha doirada. Todo o templo estava revestido de azulejos e o altar-mór ostentava no retabulo uma magnifica pintura, *una de las mas perfetas, que en Europa se halla*, diz D. Diego.

Para a cerimonia do baptismo, armara-se o templo de preciosas tapeçarias; a Capela-Mór, de damascos carmezins, ligados por passamanes de oiro e franjados na dobra que os coroava; a nave central, de télas brancas e vermelhas, coalhadas de florões de oiro em relevo, bordados sobre prata e ligados por passamanes dêste metal, com sanefas on frisos de damasco, carmezim emplumado de oiro, e bordado de Armas Imperiais. Cortinas do mesmo damasco, com sanefas de téla de oiro, velavam as dez janelas do templo. Adornava-se o côro de brocados brancos e carmezins franjados de oiro, e as naves laterais de brocados brancos e amarelos. As duas tribunas tinham ricos doceis de téla encarnada de Milão, com cortinas e sanefas franjadas de fio de oiro.

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA

A meio da Capela-Mór, erguia-se um estrado de quinze passos quadrados, que chegava á altura da grade do altar-mór, armado com quatro pilares de ébano, marchetados de laminas de prata trabalhadas, aos quais se prendiam seis cortinas de téla azul forrada de primavera de prata, da mesma côr. O tecto dêste camarim era do mesmo tecido, com sanefas franjadas de oiro. Uma pia batismal de prata, com meia vara de diametro na base, assentando sobre leões do mesmo metal, ficava a meio do camarim. A coluna que a sustentava era lavrada de flores e frutos, tendo sido esta peça, de grande valor intrinseco e artistico, fabricada de proposito para o baptismo da princesa. Um cortinado de chamalote vermelho, franjado e pontado de oiro, cingia até o chão a pia baptismal.

A camilha ou berço para a pequenina princesa era de ébano com pilares torneados e marchetados de prata. Toda a cabeceira estava adornada de corôas imperiais, encaixilhadas em filetes de prata, e de flores, frutas, laços e tarjas do mesmo metal, os quais serviam de engaste a muitas pedras preciosas. A coberta do berço era de veludo verde bordado a oiro relevado, com as Armas Imperiais ao centro e pontada de oiro nas orlas. Velavam o berço cortinados de brocado carmezim e os lençóis e almofadas eram de finissima cambraia arrendada. Do lado do Evangelho, estava um setial com as almofadas para nelas ajoelhar o duque de Cadaval, a quem fôra cometido o encargo de levar a baptisada. Do lado da Epistola, via-se uma credencia de prata doirada, lavrada de bastiães. Tal é a descrição do aparato da Capela Real (1).

*

Entra depois D. Diego a descrever as salas do trajeto da comitiva do embaixador francês. O abade de Saint-Romain, mal chegado com o seu sumptuoso sequito ao pateo da Capela, subiu a escadaria que levava á *Sala dos Tudéscos*. Achava-se, esta, armada com uma notavel tapeçaria de seda e oiro, chamada *de Tunis*, por nela se representar a conquista desta cidade pelo exercito do imperador Carlos V. Em um dos panos, via-se o nosso infante D. Luís, armado de ponto em branco, de lança em riste, montado num fogoso cavalo de combate. Noutro, divisava-se o galeão grande *S. Martinho* e outras embarcações da armada portuguesa.

A este salão seguia-se uma *saleta* de passagem para a escadaria que comunicava com o andar nobre, onde se enfileiravam as outras salas. Esta saleta achava-se revestida de panos de Arrás, figurando a historia de Tobias, resto dos outros que adornavam a nona sala. A escada adornava-se com outra tapeçaria (de Arrás?) contendo a historia de Enéas. Seguia-se uma *varanda*, armada tambem de panos de Arrás, com a historia de Tobias, figurada por diferente modo, da qual se passava para a segunda sala dêste trajeto, *decima primeira* da descrição, revestida de uma tapeçaria com verduras. Abria-se esta para a *décima segunda* sala, cujas paredes se achavam revestidas de finos panos, com a

(1) Quando foi do baptismo do segundo genito de D. João IV (o infeliz D. Afonso VI) achava-se a Capela Real toda armada de panos de raç e ouro em que se continha a historia de Alexandre Magno, e a parte direita estava tambem uma cama de raç e ouro, bordada da Historia de El-Rey David, com suas cortinas ligeiras da parte de dentro de tella carmezim e suas almofadas do mesmo tapis e grandes brazeiros de prata, etc. (*Epitome da Vida do Serenissimo Rey de Portugal D. Afonso VI.* — Manuscrito da Biblioteca da Ajuda).

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA

historia de Julio Cesar, nos quais se figuravam as suas batalhas, conquistas e triunfos. Seguia-se depois o vasto salão, onde se achava a camilha da princesa, ponto de partida do minucioso relato de D. Diego Enriquez de Villegas.

Ainda este precioso informador, descrevendo o percurso da comitiva do abade de Saint-Romain, desde o pateo da Capela até o encontro de D. Pedro, dá noticia do *Salão Doirado*, nome por que era conhecida a sala onde o principe regente se encontrava para o receber. Derivava tal nome do adorno do salão, cujas molduras, frisos, artesões, filetes e canas, eram ricamente doirados.

Seguidamente, de pagina 119 em diante, louvam-se e relatam-se, no interessante livro que vou percorrendo, as ceremonias do baptismo na faustosa Capela Real, a recepção do embaixador francês e a entrega das credenciais, a organização do cortejo rutilante de joias, a distribuição dos serviços palacianos, os vestuarios das donzelas e damas de honor, cujos nomes se citam, as mil formalidades liturgicas do baptisado, e, por fim, as festas, as luminarias, os repiques, as salvas, danças e mascaras que remataram a pompa solenissima dêsse dia 2 de Abril de 1669.

O que ficou dito, sobra para acentuar o valor do volume laudatorio do autor da *Academia de Fortificacion de Plaças* e de *El Memorial Politico*. Graças á sua cortezania — que vai a ponto de glorificar D. João IV por ter derrotado os seus compatriotas em cinco batalhas campais — temos hoje a descripção exacta das tapeçarias que decoravam treze salas, três saletas, duas galerias, uma varanda, um corredor e duas escadas do magnificante Paço da Ribeira.

Na falta de uma planta da residencia real, torna-se impossivel entrar em conjeturas ácerca da disposição e situação dos aposentos descritos, mesmo com a ajuda da noticia anonima que Camilo Castelo Branco extratou nas *Noites de Insomnia*. Tentei ainda combinar os informes dêsse manuscrito com as indicações de D. Diego, no tocante a essa disposição. Trabalho baldado! Por mais que procurasse espreitar atravez das fechaduras da minha combinação, nada logrei vêr que me satisfizesse.

Quanto aos panos de armar, é curioso notar que prevaleciam as colgaduras de seda ás tapeçarias de Arrás. De alguns, diz o autor da *Pyramide* a sua procedencia, tal como as tapeçarias do docel, que tinham sido feitas, ou, pelo menos, bordadas, em Valladolid, e as colgaduras da *Sala do Estrado*, que eram chinasas — *que llaman de la China* — diz D. Diego. Varias télas são indicadas por *télas de Milão* e pena é que, nêste ponto, não fosse o palrador cortezão mais explicito e menos confuso.

A tapeçaria de seda e oiro (chamemos-lhe assim, embora tal designação seja impropria) e que na descripção se diz *do Condestavel*, pode muito bem ser que fosse uma que estava nos paços ducaes de Vila Viçosa, a que se refere o escriba do Cardeal Alexandrino, em 1571. Quem me sugeriu esta conjetura foi o Sr. José Queiroz.

Efectivamente na narração da viagem do Cardeal (*Panorama*, vol. V, pag. 338) lá vem textualmente, depois de uma referencia genérica aos panos de Flandres que ornavam as salas do paço, as seguintes palavras: «... os que estão, porém, na sala que fica no topo da escada da banda esquerda, são de oiro, prata e seda, lavrados de figuras representando uma victoria ganha por Nunalvares, Condestavel de Portugal, contra os castelhanos. Dos mesmos

AS TAPEÇARIAS DO PAÇO DA RIBEIRA

panos está forrada outra sala, também no cimo da escada, da parte oposta, bem como a camara e ante-camara do legado. . . »

E' possível que algumas das outras tapeçarias que decoravam, nessa ocasião festiva, o Paço da Ribeira, tivessem a mesma origem, e quem sabe, até, se teriam vindo de lá de proposito para adornar as salas para as festas do baptismo da princesa, tornando novamente para Vila Viçosa.

O incendio ateado, em fins de 1745, nos quartos da Rainha e o que se seguiu ao terremoto do 1.º de Novembro de 1755 destruíram todas essas maravilhas de arte. Se não fosse D. Diego, ficavamos sem saber uma palavra dos riquissimos panos de armar aos Paços do Terreiro. Que êles existiam, sabiam-no todos os que, por coisas de Arte, ainda teem o ingenuo desaforo de se interessar; mas isso não era o suficiente. A noticia descritiva que ofereço ao leitor é um excelente ponto de partida para mais cuidadas investigações e um prometedor filão para futuros descobrimentos.

Estou em crer que êles se farão, dado que o português tem no sangue uma decidida propensão para descobrir novidades, até mesmo quando elas — e este é o meu caso — se acham escritas, impressas e publicadas ha trezentos e quarenta e seis anos!

Maio de 1916.

MATOS SEQUEIRA.



PAPEIS RECORTADOS ORNAMENTAES

Na região transtagana que acompanha a corrente do Rio, de modo geral, e, especialmente, nos concelhos de Montemór, Coruche e Móra, encontram-se com frequencia, nas casas das povoações e nos *montes*, as paredes adornadas com papeis de côr, recortados, colados diretamente sobre a cal.

Cada parede das casas de entrada — limpas salas de trabalho, onde as mulheres passam a maior parte do tempo, costurando, sentadas nas suas cadeirinhas baixas ou nos seus *tropeços* de cortiça — aparece adornada com duas ou tres grandes rodas de papel, azues, verdes, amarelas ou vermelhas, crivadas de orificios, que desenham sobre a cal uma especie de *esgrafitos* de novo genero e duração efemera. Ficou nestes rudes desenhos populares um pouco da preciosa tradição dos papeis recortados conventuaes (1) e seculares (2), tão vulgarizados entre nós, como por toda a Europa, no seculo XVIII e primeira metade do XIX.

A' semelhança do que succede em Portugal nas regiões supra-mencionadas, na Ukraína (Pequena Russia), as mulheres ornamentam também com papeis recortados, porventura de melhor gosto que os nossos, os interiores das suas habitações. De igual modo, na Polonia (3) a gente do povo executa interessantes trabalhos do mesmo genero, *wycinanki*, com applicações de fundos de côres diversas, por vezes com figurações completas de scenas campestres, como o trabalho do linho, desde o côrte ao tear (Lowicz), etc.

Donde se infere que raramente uma manifestação artistica popular deixa de ter correspondências, ás vezes bem longe do seu ponto de eclosão.

V. C.

(1) J. Dantas — *Os registos e bentinhos dos conventos velhos na Ilust. Port.* de 23-VI-1906.

(2) *Catalogo da Exposição Olisiponense — Vária* — pag. 154, n.ºs 552 a 555.

(3) *Peasant Art in Russia* — pag. 38, e figs. 477, 508 a 512, 517, etc.

O SAN TIAGO EM LEOMIL

(BEIRA ALTA)

A' Mademoiselle Cotovia



DIAS de Julho!... Dias de Julho!...

Segádas!... Malhadas!... A Festa do San Tiago!...
Era uma fartura, uma alegria, uma beleza!

In todo o ano, *num* havia tempo com'aquelle...

Só de jornal, ganhava a gente a cinco e a seis *stões*. Vinho e a merenda — á tripa forra. Bacalhau frito, rico *centeiuo*, borrachas cheias!...

Com o sol a pino, um calor de rachar, o mato a arder nos montes, — e por toda a parte os *manguais* surrando, ao desafio, *in* riba das eiras! (E havia pimpão que, com duas porradas dadas bem a fio, fazia logo um pitego em cavacos!)

A cada passo se topava com *rolheiros* (1) de *pão*, tão altos como a torre.

Mulheres nas lages, cantando e *escoanhando* (2) as *eiradas*. Chalaças que ferviam. Todos andavam na frescata. *Ciroilas* d'estopa, pés ao léu, chapéu de palha, camisa arremangada, seitoira ou mangual nas mãos sempre prontas.

P'lo *Córgo*, *Ribeira*, *Valongo* e *Toimil*, fazendo chegar a tudo o rico cheiro, os fenos já mirrados e altos, esperavam o gadanho do Zé Rocha. Nas valetas da terra, das poças abertas, aguas como espelhos, correndo prós milheirais

Ao toque das Trindades, ou logo ao varrer do sol, frescas aragens da *Nave* e de *Crapito*. E nos caminhos do *Vale*, *Pedregaes*, *Folha* e estrada acima, — ás portas das

(1) *Rolheiro*, nos dicionarios, vê-se significando pequeno mólho de trigo ou de centeio. Na Beira Alta, porem, significa monte de palha por malhar. Esses montes são feitos no meio dos campos, no fim das ceifas, juntando todas as *pousádas*, quando, por qualquer motivo, não haja possibilidade ou conveniencia em fazer o transporte logo para a eira. *Pousádas*, vem a ser a reunião dos molhos segados p'los homens em cada córte — e que ordinariamente são atados p'lo segador de mais rijo pulso. O *córte* é toda a porção de ceara que os homens, duma só vez, podem ceifar. Habitualmente, tem a largura dos *trólhos* ou regos espaçados, abertos p'lo arado n'altura de semear. Nalgumas povoações da Serra, como em *Soutosa*, apenas dão o nome de *rolheiro* aos montes de palha por malhar, feitos nos campos onde o cereal foi ceifado. Se o monte foi feito na eira dão-lhe o nome de *méda*. Noutras, nas povoações dos vales, como em Leomil, *rolheiro* designa tanto os montes feitos nos campos, como nas eiras. As *médas*, d'ordinario, são maiores que os *rolheiros*.

(2) *Escoanhar* — tirar os *coanhos* — limpar com *coanheiras* — altas vassouras de giestas negrais, que servem para tirar ao grão já malhado e junto as impurezas, *coanhos*, que, por serem muito pesados, o vento, ao *erguer*, não levaria para longe. Não vem nos dicionarios. *Erguer*, como se sabe, é deixar cair o grão, d'alto e lentamente, de dentro duma cesta, para que o vento dele afaste as poeiras e leves impurezas.

O SAN TIAGO EM LEOMIL

vendas e nos largos da vila — sapateados de *chula*, de *fado* e de *fandango*, — toques d'armonio, *zabumbas*, *rabécas*, ferrinhos, — vinho a granel. . . — muitos descantes. . . uma alegria! . . .

Aquele *borborinho*, aquela reinação, sentia-se até p'ra lá de *Cabeço Lobrais*, *sinas* (1) da Semitela!

E nessas alturas o San Tiago já vinha perto. Calhava no dia vinte e cinco — que naquele ano deitava num sabado, como havia dito o Granja-Nova, na venda do Claudino. Mal parecia *num* mercar umas *roupas* p'ra botar no festejo — que, p'los modos, ia ser forte, como de vez nenhuma.

Indá o Zé Teixeira — que *tamem* tinha ficado mordomo do oitro ano atrás — estivera, na vespera, na tenda do Manél Cavaco, a contar na *profeição* como tudo havia de ser.

O arraial era muito enfeitado, já se vê. Duas carreiras de cópinhos vermelhos e balões de todas as castas brilhavam desde a porta da Fortunata, trepando as escadinhas do adro, até á porta da capela. A' porta da capela, dois moinhos muito grandes, de papel de côr e velas de papel de seda, com côtos de cera acesos dentro, moíam, girando tal e qual como os verdadeiros, *in* riba de duas armações de pinho muito bem feitas. Vinha a musica de *Magueija* — conhecida e nomeada *in* todas aquelas redondezas — tocar ao desafio — oxalá que *num* houvesse porrada. . . — com a de *Tarouca* — que, valesse a verdade, *tamem* não era peste nenhuma — em corêtos feitos do bô solho e do bô forro que lá tinha o Brasileiro. Armavam-se um *in* frente do *oitro*, com uma grade de ripas á roda e balões alumando *in* toda a volta. Até o Senhor Paivinha se botara fóra das suas encolhas! . . . Quando o Zé Teixeira, com os *oitros* mordomos, lhe pedira a esmola prá festa, sem se fazer rogar como das mais vezes, com grande desembaraço: — «Botem abaixo dez pinheiros da mata de *Vilarinho*. Quem manda sou eu» — fóra o que dissera! Tinham-no topado *in* bôa ocasião, — e quem o conhecia bem feito já não tinha que dizer. Faziam-se cinco arcos — lindos como os do ano passado! — fechando no *cruto* com'ás sineiras da torre e com duas cruces de loureiro e rosmaninho de banda. Haviã de ser cobertos por toda a era, bucho e murta que a gente agarrasse no passal, — e, a entremear, punham-se-lhe muitas rosas, vindas de muitas partes! Mesmo *in* todo o cima, como a fazer remate, ficaria um raminho d'oliveira, benzido p'lo senhor abade no Domingo de Ramos. Podiam-se ver! . . . Dansavam-lhe, *in* roda, as raparigas, todas garridas, de lenços novos! — Um ano, *inté-li* o sr. *Doitor* se metera na dansa, a dar estalinhos c'os dedos, a pinchar com'um danado, com um *bó* varino vestido, sem *openião* nenhuma, no meio da rapaziada! Inda eram tempos! . . .

Mas, como se ia ccontando: — Vinha o fogueteiro de Castelo, *mailo* Manêta de Moimenta — que *num* havia que se lhe dizer. Estava contratado, p'r'as coisas de mais aquela. Só *foguetes de lagrimas*, vinte duzias! Caramba! Ia ficar o ceu cheio de lagrimas de todas as côres! E as noites de San Tiago — nem de proposito — os senhores haviã de estar lembrados. . . — limpas e estreladas que nem as de janeiro! . . . Quem fazia subir as *maquinas*,

(1) O termo de qualquer terra do Norte, por mais pequena que seja, é limitado por signaes em cruz, feitos a pico em qualquer rocha ou marco enterrado de proposito. E' a esses signaes que se dá o nome de *sinas*.

O SAN TIAGO EM LEOMIL

era o Manêta. Duas maquinas que mostrariam, quando fossem lá muito *in riba*, dois grandes rabos de fogo, assim . . . a modos de comêta, ou como era que se dizia. Uma lindeza! — Que o vento não estivesse contra, Deus o permitisse. Senão . . . lá se iam os *rolheiros* e . . . adeus, Fartura! O Manêl Alferes inda se lembrava — seria ele como o seu filho mais novo — dum ano, no *Guardal*, ser um prejuizo dos maiores, uma miseria desconforme! As labaredas eram tão altas, que tinham sido vistas mesmo do arraial. Alumiam todo o *Sobreiro*, até quasi ao *Alto do Sarzedo*! Parecia o fim do mundo! E aquilo de noite, quando a vila *in pêso* reinava! . . . Uma desgraça! Mas era uma admiração ver largar taes *demonhos*. O Manêta botava-as a quasi sempre arrumado á esquina da quelhinha do Luiz. Fazia tudo com muito modo, enxotando a canalha d'ao pé dele. Enchia-as de vento, punhalhes a estopa nos arames, vertia por cima da estopa uma *almotriga* de *pitrole*, andava com elas á roda até ganharem força. E, num instante . . . elas ai iam, subindo na noite clara com o grande rodilho d'estopa nos arames, a alumiar por dentro! Mal o Manêta as largava das mãos, o Mestre Zé — zás! . . . e a musica rompia, á uma, com a peça do *Camboio*! Enxergavam-se de muitas leguas! — É o San Tiago em Leomil! . . . — dizia a gente da Serra! Por todo o largo do *Iteiro*, com lampeõesinhos d'azeite, muitas mesinhas de café quente, limonadas, dez réis d'aguardente, *doces da Teixeira*, *cavacas de Freixinho*, *broinhas de Moimenta* — das *Claras*, que eram mestras naquilo. E sempre rentes o Zé Teixeira — o mordomo — e o *Cócó* das barbas, com a pipa de vinho do melhor que atopavam.

Vinham muitos fidalgos de por ali dar o seu passeio, ouvir as musicas, ver dansar, regalar-se com o fogo. Alguns, assim mais reinadios, apresentavam-se de vara-pau — vara-paus dos finos — no logar das bengalas. E o caso era que não pareciam nada mal. Mas era andar com tino, se queriam ir p'r'as suas terras sem levar que contar . . . Bô! . . .

Por essas onze horas ou meia noite, estoiravam no ar muitos macacos de fogo, até ficarem todos co'a cabeça *esfoirada*. — Iss'é qu'era riso! . . . — E no fim de tudo, a fechar o arraial, uns atrás *doitros*, três duzias de *morteiros* — *morteiros* qu'até parecia que arrebetavam os ouvidos e que se sentiam troar p'r'álem da *Cruz do Negro*! . . . Nem numa guerra! . . .

Ao outro dia, então, dia santo, Festa d'igreja, missa cantada. Os prégadores vinham a ser o senhor padre Antonio de *Cabaços*, *maillo* senhor padre Francisco de *Soutosa*. Dois padres de grande fama, lá p'r'os sitios. Prégavam sermões muito bonitos — sermões qu'inté faziam chorar o coração, como dizia a Belizanda Lavadeira *maila* a tia Luiza do O', embrulhadas nos seus ricos capotes de baetão azul — que eram os derradeiros *in toda a vila*. Ao fim da missa, grosso borborinho na igreja, prá saída da procissão. Armador e mordomos viam-se e desejavam-se p'ra pôr aquilo tudo em andamento. A procissão saía p'la *Porta Grande*. A' frente ia o *guião roxo do Senhor dos Passos*, o mais pesado de todos e o mais antigo na freguezia. Ainda no estava apartado o pimpão p'ra ele, nem os fidalgos engravatados prá borlas. Um migalho mais longe, o outro guião, o *da Nossa Senhora*, muito lindo, todo de seda branca, com uma pinha doirada no cimo da vara. O's *pois*, a *Cruz das Campainhas*, aquela que era toda de prata muito velha e muito bem preparada. Derreava um homem! E — diziam-no os entendidos — era uma riqueza como por ali *num* havia! Ia no meio de duas lanternas, tambem de prata, com muitos feitios. — Inda que lhes parecesse que não, na sacristia e na *Casa da Fabrica* de Leomil, sempre existia qualquer uma coisa que merecesse a pena dar dois passos p'ra ver . . . — Naquele ano, quem lhe pegava era o *Leixan-*

O SAN TIAGO EM LEOMIL

dre, o filho do Zé da Pinta — um *inquim* (1) sem respeito nenhum! — um *larica* (2) que queria fazer figura! O mundo ia cada vez a peor! . . . — Uns passos arredados, seguia o senhor abade, paramentado como a ocasião requeria, debaixo do palio novo, muito gordo, sem olhar p'ra ninguem, a costodia nas mãos postas, no meio dos dois prégadores. A's varas do palio. . . P'los modos havia aquelas entre os senhores. . . As eleições tinham-nos atiçado. Estavam peores que cães. E o Brasileiro. . . no galarim. Tanto gastara, que lhes comera, a todos, o caldo na cabeça. . . Comtudo, até lá, sempre se haviam de compor, se Deus quizesse.

O mais lindo da procissão eram os andores. O armador caprichara, mandara yir fazendas de Lamêgo. San Tiago — padroeiro, — as barbas muito prêtas, cabacinha amarrada na volta do cajado, chapéu de missionario com o *ouvido de peixe* na ába virada p'ró *cruto* da cabeça, — trepava um monte de paninho escuro. San Sebastião, com o seu lindo rosto de pouca idade, varado de setas, atado a um tronco — Crédo! até fazia impressão. . . — padecia, num bosque feito duma coisa a que já tinham ouvido chamar *gaze*. E San Pedro, o velhinho, na barca que os bois do Chico Zaranza costumavam puchar — parecia mesmo rir-se prós anjos que dormiam nos mastros, em cambraia branca, amarfanhada, assim a imitar de nuvens. Os mordomos, d'ôpa e vara, levavam os anjinhos p'la mão. Anjinhos muito asseados, com sapatinhos, vestidos e azas que o Joaquim da Quinta havia de trazer de Lamêgo — e com muitas pulseiras, brincos, fios de perolas e cordões d'oiro, que as senhoras da terra tinham prometido emprestar p'ra esse dia. A' filha do armador — uma enxudia, uma lesma, uma nêsga fedorenta de mulher — é que lhe dera p'ra ir de Irmã de Caridade! . . . Corôa da Senhora da Conceição, vestido da Senhora da Piedade, manto da Senhora das Dôres — e dois ranhosinhos ás pontas do manto azul! . . . Só dando-lhe com bósta na cara. . . Linda, linda figura a filha do Morgado, a Zézinha, quando, duma vez, se prantara assim!

Recolhida a procissão, tudo prá feira, prá grande feira. . . Fazia-se, como das mais vezes, no Largo do Arraial, no *Iteiro*. Arrumadas às *Alminhas*, mesmo á entrada do Largo, da banda da esquerda, as sortidas canastras das *tendeiras de Lamêgo*. Um bom negocio! As senhoras da Terra — que, sem querer dizer mal, nem criadas eram das que se tinham ido — fartavam-se de là escolher *bonitos* (3) de barro fino e jarras com flôres e passarinhos, p'ra enfeite das mesas das salas assim mais proprias. In frente, até á porta da Florinda — Deus lhe falasse n'alma, que nunca houvera outra tão gorda, nem tão bebada — as manadas de machos dos homens da loiça preta. (4) Nas paredes da tenda onde estivera o Zé Lagarto, debaixo de uma cobertura de pano crú, dependuravam os ourives, consoante podiam, os cartões forrados de veludo preto, onde espetavam as arrecadas, cordões, cadeias, brincos, medalhas á moda do Minho — e muitas mais coisas d'oiro. — Traziam um bom dinheiro

(1) *Inquim* usa-se em Lamêgo, como diminutivo de Joaquim. Em Leomil e Moimenta da Beira, tem o significado de gabarôla, que não pôde com *uma gata pelo rabo*. Não vem nos dicionarios.

(2) *Larica* = planta que ataca as cearas = fome. Na Beira, designa creatura raquitica, enfezada.

(3) *Bonitos* = quinquilharias. Neste caso, de barro das Caldas, comprados na Regôa, e vendidos em canastras d'Ovar, p'las feiras e romarias do Norte.

(4) *Loiça de Molelos* (concelho de Tondela), fabricada com barro preto da região, em engenhos muito primitivos e simples. A unica decoração desta loiça é a *espinha* e a linha quebrada, usadas alternadamente e gravadas na propria loiça. Fabricam nesta loiça todos os objetos de uso comum.

O SAN THEAGO EM LEOMIL

empregado naquilo. Quem o agarrasse...—A' porta da Fortunata e ádro da capela, como na noite do fogo, as mesinhas dos doces, das limonadas e dos relógios d'assucar de muitas côres. A mulher dos tremóços—uma ruça de *Contim*, ratada das bexigas—sargenteava sempre, dum lado pró outro, giguinho debaixo do braço, tratando da sua vida, vendendo as suas canequinhas de tremóços, com modos muito bonitos, quer pró rico, quer pró pobre.—Uma alma de Cristo.—No terreiro só havia licença prás pipas de vinho. (1) Todo era pouco pró formigueiro do gado e compradores.—E o gado, desde o mercado passado, subira *coma quê!*... Daquela vez não havia finuras. Os espanhoes tinham que pagar como se quisesse ovelhas e cordeiros.—Já tinham visto os do Abel? Carágo! Iss'é qu'estavam gordos!—Desde a A'leluia a cabritar na Veiga — umas cinco corôas de pasto. . . —Mas a boa medrança deles é que riscava. . .

E, ao cair da tarde, depois das musicas terem ido tocar á porta do senhor abade e do senhor *Doitor* — e parecia que também á porta do Brasileiro, além de que isso inda não estava decidido — e dos mordomos se terem despedido delas, bebendo, na estrada, á saude de todos, os ultimos quartilhos. . . —heia! rapaziada, que aí vinha o descante p'ra dar volta á vila!. . . Gaiteiro da Serra, bombeiro do Povo, ferrinhos *tamem* da vila, rabeça o Seguinho — tocavam a *chula* — cantava o Parada!. . . O Zé Lamêgo ainda se alembrava do *Jinó!*. . . Era um gosto ouvi-lo! Nunca *in* toda a Beira Alta aparecera um cantador assim! Durante as vindimas, o Jinó de Leomil, era a alegria do Doiro! A sua fama passava p'ra lá do rio! Morrera sem ter conhecido uma boca que o fizesse calar. Então, inda Portugal tinha homens!. . .

Julho! Julho!. . . Segádas! Malhadas! A festa do San Tiago!. . . Oh! que fartura! Oh! que reinação! Juntava a gente vintem e divertia-se a gente. Não havia *in* todo o ano um tempo com'aquêle!. . .

Açores — Graciosa — 1913.

SEVES D'OLIVEIRA.



OS «CÔCHOS» ALENTEJANOS

Os *côchos*, são os pequenos recipientes de cortiça, de fôrma mais ou menos mamilar, que se encontram em todas as cosinhas e em todas as adegas transtaganas, sobre o bocal das infusas ou perto da torneira das *tarefas*, fazendo as vezes da *malga* do norte do paiz. São tirados dos *cotovelos* dos sobreiros, excrescencias gibósas dos tronços, que a cortiça generosamente cobriu. Muitos, aparecem sulcados de riscos, de vaga intenção artistica.

Ha também *côchos* de grandes dimensões, que se usam como *gamêlas*. No Brasil, o nome de *côcho* designa precisamente a *gamêla* de páu.

V. C.

(1) Em todas as feiras e romarias do Norte aparece sempre a pipa do vinho, erguendo bem alto o ramo de loureiro. E, enquanto se regateia um negocio, ou enquanto se abandona uma dança, em canéas de Coimbra, ou em cangirões de Molelos — o vinho corre e espuma. . . E' talvez o grito mais vibrante e alegre que o velho Baco, em nossos dias, ainda se atreve a soltar. . .

NOTAS

UM CALIX E UMA TABAQUEIRA DE EVORAMONTE



FIG. 1

Atualmente, porem, pouco se produz de apreciavel, neste genero.

Do pouco que resta de bons trabalhos antigos, apresentamos o desenho de um calix de oliveira (Fig. 1) e o de uma tabaqueira (Fig. 2) da mesma substancia. Ambos os objetos foram construidos de um só bocado de madeira, em verde, notabilisando-se a tabaqueira pela corrente de muitos elos, toda cortada no mesmo pau, que liga a tampa ao recipiente.

Sendo o Alentejo, como muito bem escreveu o Sr. Dr. Vergilio Correia, a pag. 23 da *Terra Portuguesa*, a provincia onde mais vigorosamente bracejou o tronco secular da arte rustica, pedimos licença para fazer constar aos leitores desta *Revista* que na «terra da Convenção», Evoramonte, floriram tambem algumas vergonteas dessa frondosa arvore.

Tivemos occasião de vêr, durante a nossa juventude, objetos — hoje desaparecidos ou que não se mostram por os julgarem seus donos sem valor — como: *tarros* de cortiça, para condução de comida; açafates para costura, tambem de cortiça; polvarinhos de chifre; *chavões* encadeados ou simples, feitos de um só bocado de madeira; colheres de pau, para sopa, para chá e para assucar, — tudo artisticamente construido e lavrado com *bordados* e *pinturas* muito perfeitas, pacientemente executadas a bico de navalha ordinaria ou de pequeno canivete, pelos ganadeiros destas freguesias.

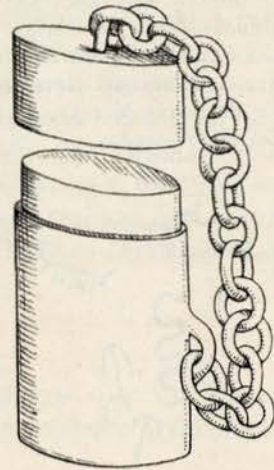


FIG. 2



FIG. 3

O calix é dividido em faixas, ornamentadas com desenhos de carater vegetal. No assento do pé, tem gravado o reverso de um *cruzado* (Fig. 3), motivo frequente em exemplares de arte popular da região.

O artista construtor dos dois objetos foi o modesto filho desta terra, Manuel Antonio Serra, que conta 80 anos. Tinha 25 quando executou estes belos exemplares da arte rustica alentejana, nos dias invernosos em que a chuva o não deixava trabalhar no campo. Conserva-os ainda na sua casa, em Santa Rita, a um kilometro de Evoramonte, minha terra, vila notavel na historia contemporanea e digna de uma visita, pelos seus monumentos e pelos seus pontos de vista sobre a Serra de Ossa e grande parte do distrito de Evora.

Evoramonte — Maio de 1916. (Desenhos de J. F. A.)

A. M. C.

NOTAS

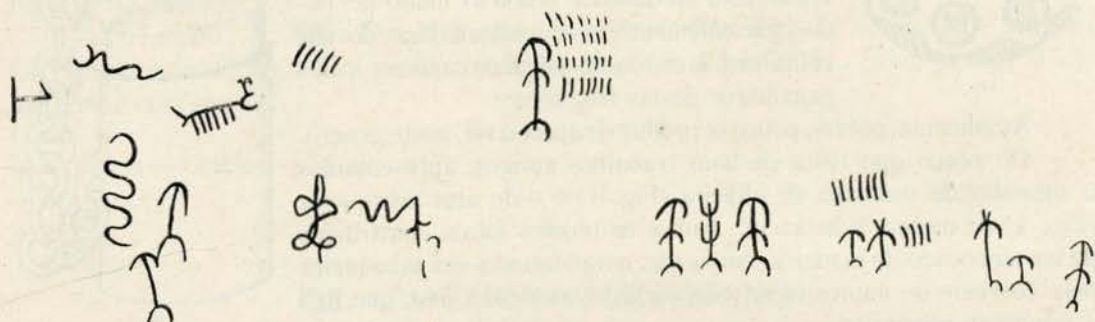
PINTURAS RUPESTRES DA SR.^a DA ESPERANÇA (ARRONCHES)

Acabam de tornar-se conhecidas novas pinturas rupestres portuguesas. Descobriu-as D. Aurelio Cabrera, professor da Escola de Artes y Ofícios de Toledo, na freguesia raiana da Sr.^a da Esperança, concelho de Arronches.

Na *Nota n.º 8* da «Com. de Inv. Pal. y Preh.» (pags. 6 e 7), o professor Pacheco dá-nos uma sucinta noticia do seu aparecimento, prometendo sobre elas um estudo mais desenvolvido. Como o assumpto é de interesse capital para a arqueologia portuguesa, transcrevo integralmente a informação do ilustre professor e reproduzo a gravura principal que acompanha o trabalho (a fig. que nele tem o n.º 5).

«*Risco de la Esperanza*.— Aun mas al W., ya en territorio portugués, cerca de la pequeña aldea La Esperanza, en las huertas de Benavente y sitio de Valdejunto, correspondiendo a las sierras portuguesas de San Mamede, existe otro risco de cuarcitas distante próximamente um kilometro de la aldea mencionada que ocupa el valle.

A media ladera del cerro se abre entre las cuarcitas um profundo y espacioso abrigo, por cuanto tendrá unos 10 metros de largo por cuatro de alto en algun sitio y de dos a tres de profundidad. Todo el interior está decorado com pinturas estilizadas del mismo tipo que las anteriores, sobresaliendo algunas fuera del abrigo y existiendo también en alguna peña desprendida de la bóveda. Esta composición, de la que da idea la figura 5.^a en cuanto a las representaciones más visibles, es la más extensa del grupo de abrigos pintados de la region. . . Todos estos dibujos son en rojo, pertenecen a la familia de los de Sierra Morena, de los que tan detenidamente se ocupó y representó nuestro Góngora a mediados del siglo pasado».



PINTURAS PREISTORICAS DO «ABRIGO DA ROCHA» DA SR.^a DA ESPERANÇA

Estou certo de que encontraremos ainda mais pinturas, no Alentejo, nas Beiras e em Traz-os-Montes. As gravuras começam também a aparecer. Recentemente, nos arredores de Arraiolos, tive a felicidade de descobrir dois penedos totalmente cobertos de desenhos genero «Monte Vicos» e «Polvorin» (Coruña). Um novo campo se alarga, pois, ante os investigadores da preistoria nacional.

Na figura junta, o desenho serpiforme é semelhante ao que o Dr. Fortes encontrou em Sales, Traz-os-Montes (1); os restantes, na maioria estilizações de figura humana, são iguaes ao do vizinho *risco de San Blas* e a tantos outros já estudados em Espanha, cujos tipos, por exemplo, se podem examinar na Lam. XIX de «El Hombre Fossil», n.ºs 8, 11 e 12.

V. C.

(1) *Portugalia*, tomo I, pag. 683 e *Les Pétroglyphes de Grav'ins*, por G. H. Luquet, in *L'Anthropologie*, tomo XXIV, pag. 160.

CRONICA

VISITAS DE ESTUDO

Com o bom tempo e a aproximação do termo dos anos escolares, multiplicaram-se as visitas de estudo a monumentos historicos e artisticos.

Em 14 de Maio, a Associação dos Arqueologos Portugueses visita a igreja de Madre de Deus e suas dependencias. Sobre a historia e topografia do edificio discreateia larga e conscienciosamente, Matos Sequeira, erudito e atraente evocador da Lisboa Aantiga; acêrca dos azulejos, informa José Queiroz, o ilustre ceramografo; a proposito dos quadros, D. José Pessanha, crítico de arte e professor da Escola de Belas-Artes, produz uma conferencia notabilissima sobre a pintura portuguesa e sua evolução, conferencia que, em grande parte, o *Diario de Noticias* de 16-5-1916 transcreveu.

Em 17 de Maio, cêrca de 50 alunos da Escola de Belas-Artes, acompanhados do professor D. José Pessanha, visitam Viseu, a sua Sé, o Museu, etc. No regresso, cinco estudantes de architectura, guiados pelo mesmo professor, visitam tambem Lourosa, a preciosa igreja pré-românica do seculo X, que, de acôrdo com a proposta do «C. de Arte e Arq. de Coimbra», de Maio de 1912, acaba de ser declarada «Monumento Nacional».

Em 28 de Maio, um grupo de socios da Associação dos Caixeiros de Lisboa visita a Sé. O professor D. José Pessanha, a quem fôra pedido para dirigir essa visita, faz uma interessante conferencia acêrca do edificio e suas sucessivas remodelações e restaurações.

Em 10 e 11 do corrente mez, a Associação dos Arqueologos realizou uma excursão a Evora. Desta excursão, importante sob todos os aspetos, falaremos detidamente no proximo numero.

ARTE NA ESCOLA

Em uma das ultimas reuniões da Sociedade de Estudos Pedagogicos, o sr. dr. Affonso Lopes Vieira apresentou uma interessante proposta, no sentido de se promover a decoração interior das escolas primarias.

Seriam empregados os mil curiosissimos productos das industrias populares — o mobiliario de Evora, os tapetes de Arrayollos, a loiça de Extremoz, as rendas de Peniche. . . — e reproduções d'algumas das nossas grandes obras de Arte, procurando-se dar a cada escola um accentuado cunho regional.

Applaudindo com entusiasmo a iniciativa do distincto pedagogo, lastimamos, contudo, que ella envolva esses modernos edificios escolares, que tanto teem contribuido para a caracterisação de muitas e lindas terras portuguezas.

Naquelles casarões inexpressivos, nada se liga com essas pequeninas coisas de que nos fallam, tão cheios de bellezas, os livros de John Ruskin. . .

«GRUPO DE ESTUDOS ETNOGRAFICOS»

Devido á incansavel tenacidade e dedicação de Cardoso Marta, acabam de lançar-se as bases para a fundação, em Lisboa, de um *Grupo de Estudos Etnograficos*, que conta já valiosas adesões.

CRONICA

A comissão organisadora e estatutaria ficou constituída pelos srs. drs. Ladislau Piçarra, Vergilio Correia, Claudio Basto, Sousa Costa, Hipolito Raposo, Santos Gil, Osorio de Castro, e Manuel de Sousa Pinto, e pelos srs. João Correia de Oliveira, D. Sebastião Pessanha, Eugenio Vieira e M. Cardoso Marta.

A *Terra Portuguesa* tem o maior prazer em colocar as suas paginas á disposição do Grupo, que tantos serviços póde prestar á literatura etnografica portuguesa.

LIVROS

Nomenclatura de voces técnicas y de instrumentos típicos del paleolítico. — A «Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas» de Madrid, acaba de publicar a sua *Memoria n.º 10*, uma interessante *Nomenclatura* de termos paleolíticos, que evitará as lamentaveis confusões do emprego de nomes de linguas diversas para designar qualquer peça paleotípica. Codificou-se assim a terminologia paleolítica, em Espanha. Dada a afinidade de linguas e a perfeição com que foi elaborada, estamos convencidos de que servirá perfeitamente entre nós. Foi redactor do trabalho o Prof. Dr. Eduardo Hernandez-Pacheco.

Pinturas prehistóricas y dólmenes de la Region de Alburquerque (Extremadura), por Eduardo Hernandez-Pacheco. — E' a *Nota n.º 8* da «Com. de Inv. Pal. y Preh.» de Madrid. Interessa especialmente a Portugal, porque se refere a monumentos da fronteira, tanto portuguezes como espanhoes, do alto Alentejo e da Extremadura espanhola.

El Hombre Fossil. — Acusamos a receção deste magnifico livro do Prof. Obermaier, que a benemerita *Junta para Ampliacion de Estudios*, de Madrid, acaba de publicar. Por não termos agora espaço disponivel, deixamos para outro numero a noticia desenvolvida que a obra reclama.

Apontamentos para a monografia de Evora Monte. — O sr. Antonio Maria do Carmo reuniu em volume uma serie de noticias referentes á sua terra natal, Evora Monte, a *Terra da Convenção*. Reverte o produto da venda do livro em favor dos ferro-viarios invalidos ou doentes. Bem merece a velha povoação que se chame a atenção para o seu castelo arruinado, dentro de cuja cêrca teve fim um dos mais movimentados periodos da nossa historia.

A Aguiã. — Continua a sua patriotica e brilhante carreira a magnifica revista portuense *A Aguiã*, orgão da «Renascença Portuguesa». O seu ultimo numero, sobre *Portugal e a Guerra*, registou, num cento de paginas, as opiniões dos nossos mais notaveis homens de sciencia, literatos e poetas, acêrca da momentosa questão.

Pedro o Cruel. — Numa edição esmerada, a Livraria Rodrigues, de Lisboa, acaba de lançar a publico o ultimo trabalho do grande dramaturgo Marcelino Mesquita, a sua peça *Pedro o Cruel*, que tão ruidoso successo tem conseguido. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.